

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Serviço Social



Profissão e autonomia individual
na perspectiva de mulheres de
camadas médias

KÁTIA CRISTINA DE SOUZA DOS SANTOS
RIO DE JANEIRO
2007

Kátia Cristina de Souza dos Santos

**Profissão e autonomia individual na perspectiva
de mulheres de camadas médias**

Trabalho de conclusão de curso de
graduação, Escola de Serviço Social da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro.

Orientado por: Myriam Moraes Lins de
Barros.

RIO DE JANEIRO
2007

Agradecimentos

No decorrer da pesquisa, algumas pessoas foram fundamentais para a concretização deste trabalho:

Agradeço, primeiramente, a Deus por toda força recebida para alcançar meus objetivos e chegar neste momento tão importante quanto da entrega do trabalho final.

Aos meus queridos pais que dedicaram suas vidas para dar o melhor possível para mim, acreditando em minha capacidade. Muito obrigada por tudo que vocês proporcionaram em minha vida.

A minha querida irmã por tudo que me ensinou ao longo da vida.

A minha querida avó que sempre me estimulou aos estudos na infância. Dedico essa vitória a você!

Ao meu amigo, companheiro e esposo, Alexander, que sempre me apoiou em tudo e ao longo dos quatro anos, incentivando-me a buscar meus objetivos, estando ao meu lado cheio de amor e carinho. Obrigada por “aturar” todas as minhas crises. Amo você!

A minha sogra e ao meu sogro, que sempre torceram por mim, apoiando minhas decisões e que me ajudaram a trilhar um caminho para o meu objetivo.

A minha querida orientadora, à professora Dra. Myriam Moraes Lins de Barros por toda paciência que teve comigo. Obrigada pela confiança depositada em mim.

As minhas companheiras de pesquisa: Ana Carolina, Carla e Rosanete pela riqueza das discussões de pesquisa, que me proporcionaram grandes estímulos na realização desse trabalho e por compartilhar todos os estresses de Jornada de Iniciação Científica.

Aos meus amigos : Camila Barbosa, Camila Chedid, Camila Folco, André Marques, André, Abdijan e Bárbara, pelas longas conversas e pelo grande apoio que vocês me deram ao longo da minha jornada. Essa conquista também é de vocês!

As minhas companheiras de universidade: Ana, Alice, Andréa e Roberta, pela grande amizade que se formou que será levada para a vida inteira.

Aos meus supervisores de estágio: Elizângela, Eliane, Sandra, Luciana, Teresa, Luiz Henrique, Alan, Néia, Margarida, Lúcia e Denise. Obrigada pelos ensinamentos passados e pelas histórias de vida compartilhadas.

E as famílias entrevistadas pela grande simpatia e receptividade que nos receberam, sem vocês esse trabalho não seria possível.

Resumo

Esta monografia é fruto da minha inclusão no grupo de pesquisa “Relações intergeracionais e de gênero em famílias de camadas médias urbanas”, coordenado pela professora e doutora Myriam Moraes Lins de Barros.

Este projeto pretende inserir-se no debate sobre a família contemporânea e as relações mais amplas da sociedade, tomando as três gerações femininas de famílias de camadas médias urbanas como objeto de estudo. Nossa intenção neste trabalho é fazer uma comparação entre as três gerações sobre o entendimento da conquista de autonomia e independência através da carreira profissional e como a profissão interfere na constituição de uma nova família de orientação. Partindo do entendimento da existência de uma tensão entre o processo de individualização e a inserção do indivíduo nas relações familiares.

.

Palavras Chaves: Gênero, Geração, Família e Trajetória profissional

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Introdução..... | 07 |
| Capítulo 1: O Universo de pesquisa: metodologia no estudo de camadas médias | 17 |
| 1.1 – Universo de Estudo..... | 23 |
| Capítulo 2: Mulher e Profissão..... | 37 |
| 2.1 – Um breve histórico..... | 37 |
| 2.2 – Perspectivas Geracionais..... | 41 |
| Capítulo 3: Concepções de família..... | 58 |
| 3.1 – A família moderna..... | 58 |
| 3.2 – O processo de constituição de uma nova família de orientação.... | 64 |
| Considerações finais..... | 78 |
| Anexos..... | 80 |
| - Roteiro de entrevista – 1ª geração..... | 80 |
| - Roteiro de entrevista – Geração Pivô..... | 82 |
| - Roteiro de entrevista – 3ª geração..... | 84 |
| Referências Bibliográficas..... | 86 |

Introdução

Esta monografia insere-se no debate sobre a família contemporânea, tomando as famílias de camadas médias urbanas do Rio de Janeiro como campo de estudo. O trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Relações intergeracionais e de gênero em Famílias de Camadas Médias Urbanas”, coordenado pela professora e doutora Myriam Moraes Lins de Barros.

O projeto mais amplo de pesquisa trata das relações familiares entre mulheres de três gerações (avós, filhas e netas) de camadas médias urbanas, buscando as percepções sobre o lugar das mulheres nos espaços público e privado. Privilegiando uma perspectiva antropológica. O foco de investigação está centrado os processos de mudanças e de continuidades na dinâmica familiar.

O objetivo dessa pesquisa está voltado para a comparação entre as três gerações de mulheres, buscando entender como estas gerações compreendem a conquista de autonomia e independência através da carreira profissional e como a profissão interfere na constituição de uma nova família de orientação. Parte-se, então, do entendimento da existência de uma tensão entre o processo de individualização e as relações familiares, e nesse sentido é importante entender como se dá esse processo de construção de sua trajetória de vida, a partir de suas práticas cotidianas e dos significados relativos à família, às relações de gênero e às gerações.

Iniciamos nossa investigação com um levantamento bibliográfico sobre os temas acerca do objeto e dos objetivos propostos. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica é definida :

“Em linhas gerais a pesquisa bibliográfica é um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes.” (Boni e Quaresma, 2005)

Dessa forma foi realizado um levantamento bibliográfico acerca dos temas: família, famílias em camadas médias, história de vida, análise do discurso, pesquisa bibliográfica, autonomia e independência, processo de individualização, jovens em camadas médias, relações intergeracionais, geração, gênero e profissão, entre outros explicitados ao longo deste trabalho investigativo.

Com o auxílio de um roteiro de perguntas (em anexo), propusemos às entrevistadas alguns temas, e as deixamos discorrer sobre nossa proposição, orientando-as quando necessário para que o roteiro fosse cumprido. Assim, realizamos as entrevistas de história de vida com as três gerações das mulheres de mesma família, segundo os critérios:

- A geração intermediária deveria ter entre 50 a 60 anos, com nível superior completo.

- A família deveria possuir as três gerações femininas
- a terceira geração deveria ter faixa etária entre 20 e 35 anos.

A seleção do universo a ser entrevistado se deu através da rede de conhecimento da coordenadora da pesquisa e das bolsistas, respeitando os critérios de classe social, escolaridade e faixa etária.

Os questionários aplicados se baseiam nos diferentes momentos vividos por essas mulheres: Infância, adolescência e atualidade, onde serão analisados os discursos na íntegra.

A dimensão social é a base da história de vida, no sentido sociológico, mesmo que seu relato seja sentido pelo entrevistado como uma experiência única e intransferível:

“Muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.” (Boni e Quaresma, 2005)

A história de vida é uma biografia registrada pelo pesquisador, composta das memórias mais antigas do pesquisado até a atualidade. A história de vida é definida como um relato de um narrador sobre sua existência através do

tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu.

Então, a concepção de história de vida engloba as percepções de passado, presente e futuro, e como o indivíduo se percebe nessas instâncias, onde se repensa o passado para criar o novo no futuro.

“ O relato de vida é um instrumento de conhecimento da sociedade pois o narrador faz aparecer em seu discurso a imagem que faz de si mesmo, bem como a imagem que ele faz do grupo a que pertence. A história de vida busca atingir a coletividade de que o indivíduo faz parte.” (Pereira, 1991, p. 117)

A matéria – prima no estudo de história de vida são as relações nas quais os sujeitos estão inseridos, enquanto atores sociais. É a interação dos sujeitos, considerando as questões culturais, políticas e sociais que o pesquisador deve ter como questão quando se debruça sobre os dados obtidos e não se prender ao imediatismo do relato.

As histórias de vida contêm dados tanto individuais quanto dados da sociedade mais ampla:

“... O que nos permite conhecer mais fundo as relações interpessoais dos entrevistados possibilitando assim a reconstrução da

realidade social em suas diversas manifestações: do trabalho ao tempo livre, da família ao bar, da amizade à fábrica.” (Pereira, 1991, p. 117)

O indivíduo é um ser social, enquanto tal é parte de uma coletividade que interfere em suas ações e perpassa o seu relato. É possível, então, conhecer a sociedade através do relato, pois o narrador retrata uma época, um ambiente social, constrói uma representação dos que estão ao seu redor, do grupo ao qual fez parte, assim como de si mesmo.

A biografia permite conhecer a fundo as relações interpessoais do entrevistado, possibilitando a reconstrução da realidade social em suas diversas manifestações.

“O relato de vida é um instrumento de conhecimento da sociedade, pois o narrador faz aparecer em seu discurso a imagem que faz de si mesmo, bem como a imagem que ele faz do grupo a que pertence. A história de vida busca atingir a coletividade de que o indivíduo faz parte.” (Pereira, 1991,p. 117)

Metodologicamente falando, no que se refere a história de vida, pode – se fazer uma combinação observador – participante, onde proporciona – se uma confiança mútua, dando ao sujeito pesquisado garantias no relato de confidências e segurança na formulação de questões para o pesquisador.

A utilização da história de vida tem como ponto fundamental o diálogo ou a interlocução entre o entrevistado e o entrevistador. Não há aspiração da neutralidade e objetividade do pesquisador para que as observações e conclusões sejam consideradas válidas. Portanto, a história de vida caracteriza-se pela interação social influenciada pela subjetividade de ambos. A circunstância em que a entrevista foi realizada, a situação social ao qual foi aplicado o instrumento, dentre outros, são momentos chaves para entender as interferências que podem influenciar na coleta e análise dos dados. O intuito em entender as interferências está em saber trabalhar com elas e não em aniquilá-las, já que a subjetividade está presente em ambos na interação entre o entrevistado e o entrevistador.

Assim, para Lígia Maria Leite Pereira:

“... o processo da coleta de dados, entrevista, é um processo de comunicação e relação social... o documento oral forma-se no momento da entrevista, do diálogo estabelecido entre o entrevistado e o entrevistador, emergindo como produto da interação entre dois sujeitos.” (Pereira, 1991, p. 112)

Para o estudo bibliográfico se efetuar em resultados de uma pesquisa precisamos passá-lo por um processo de codificação dos dados. Dessa forma,

a análise do discurso é um caminho pelo qual podemos interpretar a fala do entrevistado.

A análise do discurso, para Blanchet e Gotman:

“ ... consiste em selecionar e extrair os dados capazes de permitir a confrontação das hipóteses com os fatos. Essa análise se efetua sobre o corpus, isto é, o conjunto de discursos produzidos pelos entrevistadores e entrevistados, transcritos de maneira literal. A análise do discurso concerne então os textos escritos e não as próprias gravações.”

(Blanchet e Gotman, 1992, p. 01)

Durante as entrevistas, questões que antes não eram pensadas pelo entrevistador podem surgir a partir do diálogo com o entrevistado. O discurso é uma produção de sentido, orientada pela relação entre entrevistadores e entrevistados. E não um fenômeno que naturalmente se manifesta. O intento da análise do discurso está em constituir, no formato de texto, o significado por trás da fala do entrevistado.

A análise do conteúdo é um subconjunto da análise do discurso que possibilita a compreensão do sentido do relato. Na análise do conteúdo a leitura da entrevista é norteadada por uma problemática, onde o sentido do discurso é comparado para revelar os sistemas de representações contido no relato. Busca-se, respectivamente, a simplificação dos conteúdos,

desempenhando um efeito de inteligibilidade, cabendo uma parte de interpretação (Blanchet e Gotman, 1992).

Blanchet e Gotman, nos dizem que “... o objetivo da análise de conteúdo, assim realizada, é de fato duplo: estabilizar o modo de extração do sentido e produzir os resultados correspondentes ao objetivo da pesquisa”. (Blanchet e Gotman, 1992, p. 02)

A análise de conteúdo parte de hipóteses anteriores à realização das entrevistas (Blanchet e Gotman, 1992). Portanto elas:

“(...) fornecem um material aparentemente espontâneo – (...) amplamente pré-fabricado e co- construído pela interação que o atravessa.”
(Blanchet e Gotman, 1992, p. 02)

E, ainda segundo Blanchet e Gotman (1992):

“A análise de conteúdo implica hipóteses; sendo hiperselativa, é uma leitura exógena, informada pelos objetivos do analista (...)”
(Blanchet e Gotman, 1992, p. 03)

Na mesma direção das autoras acima, Bardin (1977) apresenta a análise de conteúdo, como “ uma técnica de investigação que através de uma descrição

objetiva e sistemática de conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação das mesmas.”

Foram realizadas 10 entrevistas pela equipe de pesquisa, tendo como base o roteiro já mencionado, durante os meses de dezembro/2006 a junho/2007.

Esta monografia representa um exercício de análise interpretativa das entrevistas, tendo por base a análise do discurso.

Foram feitas de três a cinco tabelas para o processo de análise, que procuraram incluir os períodos mais marcantes da vida das entrevistadas, ou seja, a equipe de pesquisa procurou dividir as entrevistas em quatro momentos: infância, adolescência, juventude e atualidade, além disso uma das tabelas mencionadas foi a de dados básicos, para que fosse identificado o perfil das famílias estudadas.

Cada tabela foi subdividida em itens , onde foram descritas as falas das entrevistas com relação a temas recorrentes a todas as entrevistas. Tais como:

- Infância: Quem foram os responsáveis pela educação, com quem morava, como foi a educação, em quem escola estudou, como era a rede de sociabilidade e o que marcou neste período;
- Adolescência: Quais eram as responsabilidades, como era a rede social, como era a relação com a família e um momento importante;
- Juventude: Escolaridade, trabalho, a saída da casa dos pais, o nascimento dos filhos, mudanças após o casamento e a educação dos filhos;
- Atualidade: Com quem mora, a relação com os filhos, a relação com os netos, a relação com o cônjuge, atividades/loais que frequenta, projetos

e expectativas, diferença entre as três gerações e semelhanças entre as três gerações.

Capítulo 01 - O Universo de pesquisa: metodologia no estudo de camadas médias

É dessa forma que realizamos as leituras sobre família, gênero e geração. Cabe discorrermos sobre o tema “família em camadas médias”, visto que este tema perpassa toda discussão desenvolvida ao longo deste trabalho.

As análises dos estudos sobre família demonstram não uma crise desta instituição social, no sentido de seu total desaparecimento. Ao contrário, o que se vislumbra é uma transformação da família, com o surgimento de novos arranjos e modelos.

E ainda que historicamente, a família tenha passado por vários processos de mudança, chegando à moderna configuração nuclear, as pesquisas demonstram categorizações na forma de estudá-las. Ou seja, a maneira de pensá-las está longe de ser uniforme (Peixoto e Cicchelli, 2000, p. 9):

“Para uns, família nuclear e relações de parentesco constituem o lócus da análise; para outros, a família é considerada um grupo doméstico, englobando parentesco e relações de afinidade”.

Assim, podemos caracterizar o universo de estudo através de um recorte, segundo Lins de Barros (1987), apoiando-se nas próprias

representações sociais dos atores e através de conceitos como *ethos*, visões de mundo e grupos de status.

Dessa forma, concebe-se a hierarquia social do segmento estudado como parte de um sistema de classificação de uma cultura baseada também em códigos de valores que colocam a necessidade de um curso universitário como prioridade, no sentido de conferir a geração de jovens uma independência financeira em termos de carreira profissional, além disso, esse estilo de vida abarca uma forma de educação diferenciada em termos de valorização de um aparato cultural, envolvendo lugares de lazer, alimentação, roupas, entre outros.

Assim, segundo Gilberto Velho (1987), o universo estudado caracteriza-se principalmente por estar ligado à ideologia individualista. São camadas médias altas, de um modo geral psicologizadas, ligadas à cultura da psicanálise, reafirmando sua crença no indivíduo e na felicidade, no prazer e no sucesso individuais.

Diversos autores salientam as dificuldades para definir os segmentos que pertencem às camadas médias. Segundo Lins de Barros (1987, p. 21), tamanha heterogeneidade tem possibilidade de fornecer um significativo espaço de análise sobre as mudanças e permanências sociais. Entretanto pode-se fazer um recorte tendo em vista:

“(...) próprias representações sociais dos atores, (...) servindo-se de conceitos como ethos, visão de mundo e grupo de status.”(Lins de Barros, 1987,p. 21)

Este universo que apresenta um relacionamento bastante tenso entre valores tradicionais e modernos, como a composição hierárquica e a valorização da lógica individualista, pode ser um campo revelador no que se refere às trajetórias individuais e às “mudanças na organização social mais ampla” (Velho, 2001, p. 50)

Sobre famílias de camadas médias, Lins de Barros (1987, p.9) reflete que, por sua estrutura bastante complexa e heterogênea, estas fornecem:

“(...) um campo importante de análise e de investigação sobre a mudança e a permanência de padrões sociais e culturais.”

A heterogeneidade desse segmento social é marcada por grupos de ethos com valores, práticas e visões de mundo diferenciadas, onde estão presentes: o capital escolar (educação), capital cultural (bens culturais), e capital econômico (trajetória de vida próspera).

As outras duas variantes antropológicas que servem de base para o tema de nosso estudo sobre a família moderna são as relações intergeracionais e de gênero. Elas podem ser entendidas como fenômenos sociais, e a partir delas fizemos o recorte de nosso objeto – a família (e seus processos de transformação e permanência), situando-o no universo das camadas médias.

Lins de Barros (2006, p. 17-34) ressalta que o contexto de transformações sociais, cada vez mais rápidas, tem sido altamente perceptível quando se leva em consideração a perspectiva das mulheres, através das gerações. O processo de ruptura protagonizado pelas mulheres que saíram do espaço doméstico para o mercado de trabalho e tomaram a frente na iniciativa do divórcio - tudo isso deixa bastante aparente uma ruptura com o modelo nuclear da família moderna.

A perspectiva intergeracional vai marcar exemplarmente este processo do dinamismo social, sobretudo quando se comparam os projetos de mulheres mais jovens com os registros de memória das mais velhas (Lins de Barros, 2006, p. 17). O sentido da categoria geração é entendido aqui pela idéia de uma identidade, determinada não necessariamente pela idade cronológica dos indivíduos, e sim por visões de mundo e experiências e práticas sociais comuns (Mannheim, 1982, p 137).

As relações intergeracionais se dão dentro de um processo de socialização e convivência comuns no espaço familiar, que supõem uma espécie de solidariedade entre os indivíduos, que é valorizada como mantenedora da coesão e da harmonia da família. Entretanto, é possível pensar que tal solidariedade familiar não se configura apenas como valor positivado, mas também como um dever imposto aos seus membros. Mesmo porque (Belhadj, 2000, p. 65):

“Embora a ação familiar não se oponha sistematicamente à da sociedade, e vice-versa,

não há uma harmonia preestabelecida entre as concepções e as práticas familiares e os valores transmitidos pelas outras instâncias de socialização.”

No Brasil, um segmento da geração de mulheres das décadas de 50 e 60, começou a lutar por uma valorização maior da sua autonomia, vivendo um processo de ruptura social no qual ocorreu uma fuga da posição que estava estritamente reservada às mulheres de famílias tradicionais como cuidadora do lar e da família. A busca por um projeto de vida mais individualizante, com inserção na vida acadêmica e no mercado de trabalho suscita questões conceituais que devemos investigar. Neste sentido, o conceito de “redes sociais” é fundamental para se pensar uma dada socialização fora da esfera estritamente nuclear, para vivências extrafamiliares. Isso porque os comportamentos e opiniões dos indivíduos dependem das estruturas em que se inserem, supondo um conjunto de relações engendradas pelos atores sociais e a influência destas neles mesmos.

A entrada das mulheres no mundo acadêmico, seguida de sua inserção no mercado de trabalho de um modo qualificado e (nem tanto) subalternizado faz parte de uma prática de construção da identidade e diferenciação que vai encontrar na individualização o marco da ruptura social encabeçada por elas. É o que explica Belhadj (2000, p. 63), em seu estudo sobre a conquista da autonomia de mulheres francesas de origem argelina:

“A busca da autonomia é a resultante do processo de individualização e de autonomização que teve início com a frequência à escola e o grupo de pares e se acentuou com o exercício de uma atividade profissional”

Desta forma, o entendimento das relações intergeracionais e de gênero pode dimensionar: os sentidos dos fluxos de transmissão de valores, a noção de legados sociais, a presença do conflito e da harmonia no espaço intrafamiliar – sobretudo por ser um espaço privilegiado no âmbito da convivência entre gerações, também pelo prolongamento do tempo da coabitação dos jovens nas casas paternas – , para, enfim, desdobra-lo para a compreensão de mudanças em uma conjuntura social mais ampla. Citando Bernard Lahire (2005):

“(...) a apreensão do singular passa necessariamente por uma compreensão do geral, e poderíamos dizer que não há nada mais geral do que o singular (...)”

1.1 – Universo de estudo

O presente estudo está relacionado ao debate contemporâneo sobre famílias em camadas médias urbanas, sendo assim, é importante ressaltar que vários autores nos informam sobre a dificuldade para definir os segmentos pertencentes às camadas médias, devido à heterogeneidade desse segmento, marcado por universos simbólicos distintos. No entanto, podemos conhecer as identidades desse segmento através do entendimento de “ethos”, “visão de mundo” e “grupo de status” pesquisado (Lins de Barros, 1987).

Heilborn (1992) coloca que esses demarcadores nos permitem ver a heterogeneidade desse segmento, feita a partir de:

“ ... uma perspectiva que tende a privilegiar a dimensão da moralidade como aquela capaz de melhor expressar a identidade desses grupos. Com ênfase concebida ao domínio moral viceja um postulado de preeminência simbólica ainda que esta possa possuir uma verdadeira multivocidade. Esses demarcadores servem para assinalar um campo de exclusividade em relação a outros segmentos sociais, também enquadráveis na classificação genérica de camadas médias, considerando-se apenas a perspectiva taxonômica fornecida

pela estratificação social (renda, educação, inserção profissional).” (Heilborn, 1992, p.71)

Esse grupo adere a práticas e valores que tem relação com as suas condições materiais. Sendo assim, esse segmento é fortemente marcado pela forma como irá despende o seu “capital econômico”, compartilhando “habitus” afins, como idas ao teatro, compra de livros, viagens ao exterior e o domínio de outras linguagens, onde a valorização do “capital cultural” corresponde a uma maior inserção no “capital global”. (Bourdieu, 1996)

Foram entrevistadas cinco famílias de camadas médias urbanas. Tendo em vista a heterogeneidade desse segmento, faz-se necessário traçar um perfil das famílias estudadas:

1. Família M.M*- Primeira geração e geração intermediária naturais da Bahia. Terceira geração natural do Rio de Janeiro

Marisa* (primeira geração), reside na gávea, tem 88 anos, é baiana, casada há 58 anos. Possui 4 filhos, durante a entrevista deixou marcada a sua ligação com os filhos (sempre se visitam, ela sempre cuidou dos netos). É católica, vai à missa todos os domingos. Relatou sobre o seu histórico familiar, através das fotos da família. Disse que tem “mania” de fotografias, inclusive acrescentou que é ela que cuida desse patrimônio familiar. Casada com um oficial da marinha reformado. Possui um forte vínculo com as esposas de outros oficiais que se tornaram suas amigas, a partir da relação profissional dos respectivos maridos. Trabalhou muitos anos devido a esses vínculos como coordenadora da Feira da Providência. Possui total autonomia física, dirige, faz

hidroginástica, e nos revelou que adora ler, tendo a mania inclusive de copiar os trechos que mais gosta das obras em um caderno. Segundo ela, a relação com as filhas, filhos, netas, netos, nora e genros é muito boa, e estão sempre próximas, sobretudo as mulheres da família, incluindo a nora.

Michele *(geração intermediária), reside em São Conrado, tem 55 anos, nasceu na Bahia, mas desde criança vive no Rio de Janeiro. Fez Biblioteconomia na UNIRIO. É casada há 27 anos, mora em São Conrado, atualmente. Vive com os dois filhos, Monique* de 24 anos e Leonardo, de 22, além do marido. Hoje trabalha como voluntária na mesma escola em que a filha leciona. Disse que é muito próxima da mãe, mas que não adotou sua religião, por discordância. Segundo ela, só se casou na Igreja para “agradar a mãe”. Disse que ela e a sua filha são muito amigas, e é comum que saiam juntas para eventos culturais, juntamente com as irmãs e a cunhada. Ela ressalta sua ligação com a família e diz que tem pouquíssimos amigos fora do círculo familiar.

Monique*(terceira geração) tem 24 anos, nasceu no Rio de Janeiro, solteira, branca e mora em São Conrado. Graduiu-se em jornalismo pela Universidade da Cidade mas, atualmente, trabalha dando aula de inglês para crianças num colégio bilíngüe, devido à formação bilíngüe que recebeu em um colégio americano. Mora com os pais que são casados há 27 anos. Para ela, a convivência familiar é excelente, diz que se relaciona muito bem com o pai e com a mãe. Ela salienta que sua mãe é sua grande companheira, melhor amiga, e que costumam fazer programas juntas, como ir ao cinema, teatro, exposições de arte. A relação com a avó é bastante próxima, ressalta que essa proximidade já acontece desde a infância quando passava fins de semana com

os avós. Pretende continuar dando aula, diz que adora o que faz como fazer viagens para se especializar em educação infantil, talvez escrever livros para crianças e quer casar, não precisa ser “na igreja”, mas quer fazer uma cerimônia para a família e os amigos.

2. Família S.S*- As três gerações de mulheres são naturais do Rio de Janeiro

Sílvia* (primeira geração) é viúva, reside atualmente sozinha, mora na Gávea, cursou somente o ensino fundamental, nunca trabalhou formalmente e tem nove irmãos. Teve uma educação muito rígida, baseada nos princípios católicos, seu pai era militar e sua mãe dona de casa, porém afirma que ambos eram típicos aristocratas. Na adolescência viajava sempre para o interior do Rio de Janeiro, para visitar a sua família extensa. Saiu da casa de seus pais para casar e afirma que o casamento e a maternidade aconteceram sem planejamento, pois eram idéias repudiadas pela entrevistada. Após o nascimento dos filhos, recebeu ajuda da sua mãe e da sua sogra no cuidado com os mesmos. Afirma ter tido que se adaptar às mudanças que ocorreram em sua vida, após o casamento, pois nunca teve qualquer responsabilidade doméstica e de repente teve que cuidar de uma casa. Enfatiza que procurou transmitir valores para seus filhos mas procura deixá-los livres para fazerem suas escolhas. Tem uma ótima relação com seus netos, saem para eventos e festa de família juntos. Gosta de viajar com a família. É muito vaidosa, gosta de cuidar do corpo, ir a cabeleireiros e manicures. Faz terapia. Acredita que já realizou tudo o que queria na vida e hoje apenas procura levar uma vida ativa.

Sônia* (geração intermediária) tem 58 anos, é brasileira, divorciada, há dez anos namora um “amor” dos tempos de “hippie”, e mora no Humaitá. Graduiu-se em Pedagogia e fez Pós-Graduação. Atualmente trabalha como Orientadora Profissional e Arte-Terapia. Hoje, mora sozinha, pois a filha mais nova, com quem morava, saiu de casa devido a desentendimentos como o namorado da mãe. Segundo ela, a sua relação com sua mãe não é muito boa, pois, agora que sua mãe mora perto, diz que não se sentia preparada para lidar com ela, e ressalta que não se sente obrigada a cuidar de alguém que não cuidou dela (ela veio com a irmã e uma avó para o Rio de Janeiro quando tinha 15 anos, e a mãe ficou em São Paulo com o pai). Ela diz que, com as filhas, tentou fazer o melhor, e se tivesse de recomeçar, faria tudo de novo. Ela se arrepende de ter “se valorizado pouco profissionalmente” para cuidar das filhas, e de ter abandonado um projeto pedagógico que idealizou quando ainda dava aulas no CAp. Que ficar “um pouco mais caseira”. Pretende encontrar um companheiro que pode ser ou não este namorado. Uma de suas maiores felicidades são seus amigos.

Samantha* (terceira geração) tem 27 anos, é brasileira, solteira, e mora em Copacabana. Graduiu-se em Artes Plásticas pela UFRJ e agora dá aula de artes para crianças, além de dar aulas de Pilates mas diz que não está feliz com estas atividades. Os pais são separados há aproximadamente 17 anos, e apesar de sempre ter morado com a mãe, atualmente mora com o pai. Segundo ela, a relação com sua mãe, hoje em dia, está “péssima”, devido a desentendimentos com o namorado de sua mãe. Diz que se relaciona muito bem com a avó materna, e que apesar de viverem afastadas durante grande parte da vida (a avó vivia em viagens com o avô militar), são unidas. Além das

aulas, faz pós-graduação em História da Arte, pretende trabalhar em galeria de arte, dar aula em universidade e diz que prefere um trabalho "mais intelectual", apesar de querer continuar com a expressão corporal. Tem vontade de casar, ter filhos, fazer uma festa, passar pelo "ritual", mas ainda não está bem certa se tem estrutura psicológica e emocional para assumir alguma coisa nesse momento.

3. Família C.C* - A entrevistada da primeira geração é natural de Porto Alegre. A geração intermediária e a terceira geração são naturais do Rio de Janeiro

Cristina* (primeira geração) tem 76 anos, é casada, reside atualmente com o marido, no Humaitá. Coursou seis meses de museologia, mas teve que trancar o curso para acompanhar seu marido, oficial da aeronáutica, em viagem a Washington. Não conseguiu concluir a graduação lá pois o curso, nos Estados Unidos, é considerado somente pós – graduação. Nunca trabalhou formalmente, apenas costurou roupas para a vizinhança durante o período em que morou na Vila Militar, pois acredita que é importante para a mulher desenvolver o lado profissional. Seu pai era economista e professor universitário e sua mãe dona de casa. Teve uma educação liberal para a época devido a diferença acentuada de idade entre os seus cinco irmãos. Estudou em colégio de freiras até os dezoito anos. Afirma que não gostava de estudar e por isso repetiu algumas séries, apenas retomou os estudos na juventude, por sentir vergonha das suas amigas já formadas. Saiu da casa de seus pais para casar e seu marido já possuía uma vida estável, por ser oficial da aeronáutica. Teve que se adaptar às mudanças após o casamento, devido a diferenças de

valores entre o casal e pelo fato de nunca ter tido contato com atividades domésticas na sua adolescência. Teve quatro filhos e afirma que seu marido não participou da educação deles, devido à profissão. Atualmente, tem uma ótima relação com os filhos e netos. Ajuda financeiramente na educação dos netos, financiando viagens e cursos. Realiza um trabalho voluntário, dando aulas no templo Kardecista que frequenta. Gosta de ler, ir a teatro e cinema. Tem como projeto futuro fazer um curso universitário e fazer um curso de informática, para aprender a navegar na internet. Acredita que a solidariedade é um valor que perpassa todas as gerações de sua família.

Célia* (geração intermediária) tem 49 anos, é brasileira, natural do Rio de Janeiro, reside na Tijuca. Gradou-se em Letras, e fez especialização em administração hospitalar, com o que trabalha atualmente (em um hospital público). Ela mora com o cônjuge (este é o seu segundo casamento), as duas filhas do primeiro casamento, e o filho do casamento atual. Segundo ela, as filhas ficam mais “na rua”, e que não as vê muito, exceto aos domingos, por isso não tem uma relação tão próxima, mas que, apesar de tudo, não apresenta muitos conflitos. Quanto a seus pais, disse que estes são muito independentes, e que não é raro que emprestem dinheiro para os filhos. Como perspectivas futuras, ela quer viajar, principalmente para a Grécia, se aposentar como funcionária pública, e continuar a desenvolver, com um grupo, o trabalho interdisciplinar no hospital em que trabalha.

Carla* (terceira geração) tem 24 anos, é solteira, natural do Rio de Janeiro. Mora com a mãe e com o novo cônjuge dela, e os dois irmãos, na Tijuca. Está cursando Nutrição. Em relação à mãe, Carla* diz que tem uma relação tranqüila, que se encontra com a mãe mais durante a semana no período da

noite, só que é em um período de tempo curto porque ela também passa o dia todo fora, só chegando à noite. Nos fins de semana ela vai para a casa do namorado, já que ele mora longe e o padrasto não gosta que ele durma lá. Ela só fica com a mãe no final de semana quando é aniversário de alguém da família ou almoço na casa da avó. Ela diz que gosta muito da avó materna mas por não conviver muito com ela, tem uma relação distante, mesmo tendo passado a sua adolescência com a mãe e a irmã na casa dessa avó, devido à separação dos pais. Ela diz que é muito mais próxima à avó paterna, por quem é “apaixonada”. Ela pretende terminar a faculdade, trabalhar dentro do que gosta, mas que dê dinheiro por que ela quer uma vida confortável, de preferência, trabalhar numa área que “dê um bom retorno financeiro”.

4. Família A . A* - As três gerações são naturais do Rio de Janeiro

Ângela (primeira geração) tem 69 anos, é viúva e reside sozinha, na Ilha do Governador. Possui três irmãos. Seu pai era representante químico e sua mãe dona de casa. Afirma que toda a sua família é muito unida. Coursou escola técnica e estudava em tempo integral, participando, inclusive, do grêmio da escola. Trabalhou no escritório da Mesbla, quando era solteira, porém após o casamento não trabalhou mais, pois seu marido acreditava que mulher não deveria trabalhar fora. Morou em São Paulo, por um breve período, porém não se adaptou e retornou ao Rio de Janeiro. Fez curso de costura e colaborou com a renda da família durante um tempo, costurando para a vizinhança. Teve duas filhas mas afirma que a maternidade, logo após o casamento, não era algo planejado. Diz ter se acomodado com o casamento, pois ele era um bom pai para suas filhas, porém na velhice, ele a traiu, mas não se separou

formalmente, pois ele dormia em sua casa. Tem boa relação com filhas e netas, e sua neta, Ana Carolina*, morou até os dezoito anos em sua casa, pois a mãe trabalhava. Leva seu bisneto todos os dias à natação e ao futebol, gosta de sair com a família, faz trabalhos manuais e gosta de freqüentar ensaios de carnaval. Tem como projeto futuro morar no Leblon, para poder sair com sua amiga. Acredita que uma diferença entre as gerações de sua família é a questão da independência, pois suas filhas são mais acomodadas que suas netas.

 urea* (geração intermediária) tem 48 anos,   divorciada, reside com a filha, na Ilha do Governador e tem uma irmã. Seu pai era comerciante e sua mãe costureira. Estudou em escolas públicas devido às condições financeiras da família e sua educação foi baseada em princípios católicos.   graduada em ciências contábeis, porém nunca exerceu a profissão. Começou a trabalhar com 16 anos, aos 17, começou a trabalhar como telefonista no Banco do Brasil, onde ainda trabalha atualmente. Durante a juventude, foi noiva três vezes, porém desistiu do compromisso, por medo. Quando se casou, foi morar no apartamento ao lado de sua mãe. Afirma que com relação às tarefas domésticas seu relacionamento era bem dividido. Não tinha diálogo com seu marido e devido a muitas diferenças, decidiu se separar. Após o nascimento da filha, recebeu ajuda de sua mãe e sua sogra para os cuidados, pois tinha que trabalhar para conseguir a renda da casa. Afirma que hoje sua família encontra - se afastada se revendo apenas em datas comemorativas. Tem uma boa relação com sua mãe. Não possui uma boa relação com sua filha, devido a conflitos de idéias, e em função disto durante algum tempo sua filha morou com sua mãe. Gosta de sair com os amigos, ir a festas, viajar e conhecer novos

lugares. Tem como projeto futuro aposentar -se para aproveitar mais a vida, já que trabalha desde a adolescência.

Ana Carolina* (terceira geração) tem 20 anos, é solteira, reside com a mãe, na Ilha do Governador, seus pais são separados há quinze anos, seu pai é advogado e sua mãe bancária. Tem uma irmã por parte de pai. Teve uma educação baseada no diálogo. Sua avó materna participou ativamente de sua educação, pois após a separação, sua mãe tinha que trabalhar e a deixava com a avó. Sempre estudou em colégios particulares. Tinha vergonha com relação ao seu corpo, pois era “gordinha”. Na infância, viajou para a Disney com a mãe e afirma que tudo o que pedia, esta lhe dava. Fez curso de inglês, aulas de dança e academia de ginástica. Morou durante três anos com sua avó materna, por causa de desentendimentos com sua mãe. Afirma ter mais diálogo com o pai do que com a mãe. A escolha universitária se deu através de um teste vocacional e do edital da universidade, que referia –se a quantidade de alunos inscritos naquele ano, no curso de serviço social, porém tinha o sonho de ser dentista. Atualmente, tem uma relação mais próxima com a mãe e diz que sua avó criou uma dependência afetiva, por ser muito sozinha e ela ser a única neta que a leva para passear. Está namorando um rapaz de segmento social mais baixo e afirma que está sendo uma ótima experiência, por causa da diferença da história de vida dele. Atualmente, faz curso de italiano e estágio no hospital universitário da UFRJ. Nunca trabalhou formalmente. Tem como projeto futuro terminar a faculdade e prestar concurso público para conseguir pagar uma faculdade particular de produção cultural, pois é a carreira com a qual se identifica. Pretende casar e ter filhos, entre 25 e

29 anos, pois estaria mais madura e poderia repassar a educação que recebeu de sua mãe.

5. Família L.L * - As três gerações são naturais do Rio de Janeiro

Luciana* (primeira geração) tem 83 anos, é viúva do primeiro casamento e divorciada do segundo, reside com sua irmã, em Laranjeiras, que é cinco anos mais nova, seu pai viveu de herança dos familiares e era boêmio, e sua mãe, que era muito doente, nunca trabalhou fora e dependia de empregadas para as atividades domésticas. Foi educada pela avó, por isso sua educação foi muito rígida. Estudou em colégio católico. Na adolescência assumiu a responsabilidade da casa junto com a avó. Começou a namorar com 14 anos, e se casou com 17. Seu marido era mais velho e tinha uma vida estável. Na época do casamento, estava cursando biblioteconomia, mas teve que parar o curso, a pedido do marido. Estranhou a vida de casada, pois ele não era companheiro e a deixava muito sozinha. Se separou aos 38 anos. Não tinha uma boa relação com a família dele. Afirmar ter procurado ser flexível na educação dos filhos. Atualmente, recebe apoio financeiro de sua filha Laura*. Tem uma grande preocupação com o filho que sofre de alcoolismo e tem um outro filho que reside fora do estado. Tem uma ótima relação com os netos, embora seu único contato com eles, seja por telefone. Gosta de assistir televisão, para passar o tempo, embora ache os programas sem conteúdo. Gosta de resolver palavras cruzadas. Gosta de passar a maior parte do tempo sozinha. Já sofreu de alcoolismo, mas hoje bebe socialmente. Já tentou suicídio duas vezes. Acredita que a terceira idade é “fim de linha”, por isso não tem projetos futuros e afirma que espera não viver por muito tempo.

Laura* (geração intermediária) tem 58 anos, é natural do Rio de Janeiro. Graduou-se em Sociologia, fez pós-graduação em Filosofia da Educação e especializou-se em Meio Ambiente. Hoje, é Coordenadora de Estágio de um hospital público. Mora com o companheiro (segundo casamento) e com a filha do primeiro casamento, no Humaitá. Ela diz que ela e a filha estão “se adaptando uma a outra” porque a filha morou durante 13 anos no exterior, mas que a relação entre as duas é delicada: segundo ela, sua filha sempre a “sacaneia” contando coisas ruins para ela quando está em uma situação boa, no entanto diz que a filha não percebe isso, que age assim sem má intenção, e não tem coragem de dizer isso a ela. A relação com a mãe é complicada, pois a sua mãe teve problemas com álcool durante bastante tempo, e que a sua referência materna foi a sua babá. Hoje a mãe está sob os seus cuidados, apesar de não morar com ela, mas se sente pouco à vontade com esta situação porque acha que sua mãe foi pouco presente em sua vida, e diz que ela é egoísta afetivamente. No entanto também diz que é uma pessoa “maravilhosa” e “boníssima”. Ela quer “fazer um painel das mulheres que revolucionaram a cultura sem ter ido à luta política, que trabalharam com a política interna da casa, da sexualidade, dos filhos, mulheres que hoje estão com sessenta anos que deveriam estar descansando, mas que estão lutando...”. Mas ela quer trabalhar nesse sentido escrevendo ficção.

Letícia* (terceira geração) tem 35 anos, é solteira, reside com a mãe e o atual companheiro de sua mãe, no Humaitá. Seus pais são separados desde sua infância. Tem dois irmãos. Sua educação não foi muito rígida, mas as relações familiares eram conflituosas. Como seus pais são separados, passou grande parte do tempo de sua infância com sua avó materna e a empregada,

pois sua mãe tinha que trabalhar. Afirma que sua mãe sempre se preocupou que os seus filhos tivessem uma “bagagem cultural”, por isso fez vários cursos, como inglês, francês e aulas de dança. Estudou sempre em colégio particular. Desenvolveu problemas alimentares, na adolescência, devido a pressão de familiares e amigos com relação ao seu corpo. Não manteve uma boa relação com o pai após a separação, pois ele lhe colocava limites e sua mãe lhe cobrava menos e era mais presente. Após o ensino médio, foi morar nos EUA, por causa da morte de um amigo, lá cursou o ensino técnico e trabalhou em hotel e como agente de viagens. Afirma que seus maiores amigos são americanos. Nos EUA, teve contato com as questões políticas devido a imigração. Retornou ao Brasil, e trabalhou em uma instituição pública como a Fio cruz, porém atualmente está desempregada, cursando faculdade de jornalismo. Diz que estranha voltar a estudar depois de muito tempo, pois o nível intelectual das pessoas é muito baixo do que o seu. Diz ter uma boa relação com a mãe e que seu padrasto é um de seus grandes amigos. Se distanciou de sua avó, mas diz que gosta muito dela. Está namorando um rapaz europeu, viajava constantemente para encontrá-lo. Afirma que não é pessoa com a qual pretende se casar, mas lhe faz bem. Frequenta academia de ginástica, por causa do apelo estético que acredita que o Brasil tem. Gosta de ir a teatro e cinema, na maioria das vezes sozinha. Tem como projeto futuro ter filhos para repassar a educação que recebeu de sua mãe e pensa em retornar ao exterior, na companhia de seu atual namorado ou não. Gostaria de não ter retornado ao Brasil e de estar trabalhando, pois não gosta de depender de sua mãe.

Estas são as características gerais das famílias entrevistadas. No próximo capítulo, discutiremos a questão do gênero feminino e a carreira profissional, tendo como foco a percepção dessas mulheres sobre o seu processo educacional e os legados passados entre as gerações.

-
- Nomes fictícios criados para a preservação das personagens descritas

Capítulo 02 – Mulher e Profissão

2.1 - Um breve histórico

O Brasil era um país escravocrata até quase a primeira metade do século XIX, até então a maioria das mulheres eram trabalhadoras escravas na lavoura ou nos serviços domésticos propiciando um equilíbrio entre homens e mulheres na força de trabalho do Brasil. Segundo Jeni Vaitsman (1994), nas grandes propriedades agrárias, as mulheres escravas tinham diferentes papéis para a reprodução social da unidade doméstica: encarregavam-se tanto de trabalhos na lavoura quanto das inúmeras atividades cotidianas das fazendas.

A partir da segunda metade do século XIX, a latente modernização provocou mudanças no modo de organização da vida social e de relacionamento familiar entre as elites das cidades, quando as atividades produtivas das mulheres, como artesãs, comerciantes ou trabalhadoras agrícolas, foram se tornando invisíveis, já que figuravam como mães e esposas. O desenvolvimento da família conjugal moderna fundada no casamento por livre escolha ocorreu simultaneamente a uma reformulação dos papéis de homens e mulheres no casamento, estimulando novos modelos de comportamento masculino e feminino. Com o aburguesamento das elites, seu modo de relacionamento familiar começou a modificar-se, mediante difusão de normas já consagradas, na Europa.

Discutindo a participação feminina no início da industrialização, esta mesma autora coloca que muitas mulheres integravam-se às atividades

industriais, a maioria no ramo de vestuário e têxteis, em um momento em que o peso principal da economia do país cabia à produção agroexportadora.

As manufaturas e indústrias nascentes começaram a utilizar de modo intensivo a força de trabalho feminina, muitas vezes através da produção doméstica.

Com o prosseguimento da industrialização, muitas empresas que utilizavam a produção doméstica das mulheres foram substituídas pela produção fabril, o que significou a substituição do trabalho feminino pelo masculino, dada acelerada migração dos campos para as cidades, aumentou a disponibilidade da força de trabalho masculina. A industrialização provocou uma queda da participação feminina na força de trabalho alterando alguns elementos da divisão social e sexual do trabalho numa ordem social e econômica que dava seus primeiros passos em direção à modernização.

Difundia-se o discurso de que as mulheres eram classificadas como fisicamente frágeis e, por isso, naturalmente delicadas, e os homens como fisicamente fortes e, portanto, dominantes, vigorosos e intelectuais. Esse discurso se tornou dominante a respeito das características próprias de cada sexo. A delicadeza e afetividade feminina condizia muito mais com o sentimento do amor do que a virilidade masculina. Contradição entre dois seres naturalmente distintos que seria resolvida na família conjugal, onde ambos representariam papéis complementares: a natureza feminina realiza-se como mãe e esposa devota, e a masculina como pai, responsável pela provisão material e moral da família.

Após os anos 30, a industrialização do país e as mudanças promovidas no sistema de ensino modificaram o status das mulheres com acesso à

educação. O modo como elas foram ocupando espaços neste campo, aos poucos reestruturado em função das novas exigências da divisão social do trabalho, também afetou a divisão sexual do trabalho.

As mulheres que conseguiam prosseguir os estudos, geralmente encerravam sua trajetória estudantil nos cursos profissionalizantes, que segundo a legislação da época, não equivaliam ao curso secundário, única via de acesso ao ensino superior, o que tornava a presença masculina predominante nos cargos mais prestigiados socialmente. Em 1940, segundo pesquisa realizada pelo IBGE, em 1990, consultada no site www.frigoletto.com.br/GeoPop/mulher.htm, quase a metade (48%) da população ativa feminina estava concentrada no setor primário da economia.

A exemplo disto, nas entrevistas realizadas com as cinco mulheres da primeira geração, vemos que quatro terminaram seus estudos no ensino médio e uma parou de estudar no ensino fundamental.

“Eu fiz a escola técnica toda. Estudava lá perto do Maracanã, onde hoje é a Faetec (...)Parei de estudar com 18 anos.” (Ângela, 69 anos)*

Aos poucos as mulheres foram ganhando espaço com a industrialização, marcando seu espaço na divisão sexual do trabalho, porém sua força de trabalho seria substituída posteriormente pela força de trabalho masculina. Assim, algumas mulheres, em busca de alguma fonte de renda, permaneciam no mercado de trabalho ainda que informalmente.

Segundo Jeni Vaitsman (1994), a participação de mulheres na educação ou em atividades remuneradas fora de casa, aparecia como um primeiro desafio a um sistema de hierarquia sexual que, de fato, seria transformado, à medida que se deixasse tocar pelos conflitos de igualdade e hierarquia trazidos pelos ares da modernização. A industrialização iniciara-se com a participação feminina, logo substituída pela participação masculina.

Ainda segundo a mesma autora, se por um lado muitas mulheres iam sendo afastadas da força de trabalho formal, outras eram obrigadas ou queriam permanecer ali, em busca de alguma fonte de renda, invadindo aos poucos os novos espaços criados na sociedade moderna, dominados pelos homens e definidos pelo Estado e pelas representações de gênero dominantes como masculino.

Cerca de duas décadas mais tarde, com o aprofundamento da modernização, impulsiona-se a participação das mulheres, estimulando os princípios de igualdade e autonomia, desafiando a estratificação de gênero e desestabilizando as relações institucionalizadas na família conjugal moderna. No período de 1940-1990, a força de trabalho feminina passou de 2,8 milhões para 22,8 milhões de pessoas, aumentando sua participação na população ativa do país de 19% para 35,5%, de acordo com pesquisa sobre estatísticas históricas do Brasil, feita pelo IBGE, realizada em 1990, consultada no site www.frigoletto.com.br/GeoPop/mulher.htm

A progressiva integração das mulheres num sistema educacional universal, de segundo e terceiro graus em expansão, foi elemento decisivo para a redefinição da estratificação de gênero, principalmente entre os segmentos sociais com maior acesso a ocupações com melhor renda e status.

Na década de 50, as estudantes, mesmo nas universidades continuaram procurando profissões tipicamente femininas. Quando a profissão de professora primária deixou de satisfazer as aspirações de um número cada vez maior de mulheres oriundas das classes médias, que passaram a buscar vagas nas universidades, estavam criadas as condições para que a hierarquia sexual na família e na sociedade fosse questionada. Em 1990, segundo pesquisa do IBGE, citada anteriormente, mais de dois terços (74%) da população ativa feminina estava concentrada no setor terciário, principalmente em algumas atividades, como serviços comunitários, serviços de educação, serviços de saúde e serviços domésticos.

Das cinco mulheres da geração intermediária entrevistadas, os cursos superiores cursados foram variados: letras, sociologia, biblioteconomia, pedagogia e ciências contábeis, mas ainda dentro do que podemos chamar de profissões femininas.

2.2 - Perspectivas Geracionais

Buscamos neste capítulo, portanto, analisar as representações e as práticas relacionadas ao ideal do igualitarismo da família moderna, a autonomia e individualização conquistados com a carreira profissional, comparando as perspectivas das gerações de mulheres de camadas médias.

Segundo Clara Araújo (2005), pode-se entender o significado de trabalho por três ângulos:

“ ...como fonte de realização pessoal que pode conferir status e constituir elemento de

afirmação econômica; em sua dimensão instrumental, como elemento de apropriação da autonomia dos indivíduos, na qual a realização torna-se secundária e a necessidade econômica, imperativa, sendo o tempo dedicado ao trabalho ampliado na proporção inversa às possibilidades de ganho para a realização pessoal; e, por fim, como elemento que permanece central na constituição das identidades dos indivíduos.” (Araújo, 2005, p. 19)

As relações na família moderna se baseiam no ideal do igualitarismo, na divisão financeira e no aporte financeiro. Assim para as mulheres da geração intermediária, a carreira profissional é o meio pelo qual podem vir a possibilitar a sua autonomia e maior horizontalidade nas decisões dentro do ambiente familiar e na relação com o cônjuge.

Para Heilborn (1995), os traços que caracterizam tal ideário estão explicitados na contestação das distinções de gênero, na conformação da dinâmica conjugal, na aceitação do divórcio, na possibilidade de um livre exercício da sexualidade para os dois sexos fora dos padrões de uma relação estável, nos múltiplos arranjos conjugais e, também, na possibilidade da maternidade fora do casamento. O sistema de valores gira, portanto, em torno de conceitos individualistas. Na perspectiva adotada por essa autora, os processos de constituição do sujeito – de sua visão e ethos – são diferentes de

acordo com a cultura, originando formas específicas de modelação da subjetividade.

Heilborn (1998) complementa que o modelo dos segmentos de camadas médias tem, por sua vez, no indivíduo, na sociabilidade e na ocupação, o eixo de estruturação dos sujeitos sociais.

Utilizamos, então, como concepção de autonomia o conceito desenvolvido por Cicchelli (2000), onde *“a autonomia é uma qualidade própria do indivíduo que é capaz de organizar o seu trabalho e que se considera responsável por ele, tanto em seus atos imediatos, quanto em seus projetos futuros.”*

Assim, para melhor entendimento desse processo de individualização De Singly (2001) mostra que a família produz indivíduos que mudam conforme as épocas e culturas, logo a família se transforma. O autor ressalta ainda a presença de indivíduos individualizados na família moderna, dizendo que *“existem laços, mas laços que podem ser estreitados – o que dá segurança- ou afrouxados, segundo as necessidades próprias”* (De Singly, 2001, p. 35). Este indivíduo individualizado seria a pessoa que encarna dentro dela valores individualistas, ou seja, cada vez que esse indivíduo é exacerbado, mais as relações terão de ser discutidas e analisadas. Segundo ele, o modelo de família contemporânea valoriza a centralidade nas relações, propicia a individualização e, ao mesmo tempo, conserva o grupo familiar.

Este universo que apresenta um relacionamento bastante tenso entre valores tradicionais e modernos, como a composição hierárquica e a valorização da lógica individualista, pode ser um campo revelador no que se

refere às trajetórias individuais e às “*mudanças na organização social mais ampla*” (Velho, 2001, p. 50)

A entrada das mulheres nos estágios mais adiantados do ensino, seguida de sua inserção no mercado de trabalho, de um modo qualificado e (nem tanto) subalternizado faz parte de uma prática de construção da identidade e diferenciação, que vai encontrar na individualização o marco da ruptura social encabeçada por elas.

Desta forma, o entendimento das relações intergeracionais e de gênero pode dimensionar: os sentidos dos fluxos de transmissão de valores, a noção de legados sociais, a presença do conflito e da harmonia no espaço intrafamiliar, devido ao prolongamento do tempo da coabitação dos jovens nas casas paternas, e sobretudo por ser um espaço privilegiado no âmbito da convivência entre gerações. Desta forma, podemos utilizar esses aspectos para compreender melhor a sociedade em suas relações e mudanças dentro de uma conjuntura social mais ampla .

Assim, na transmissão das normas e valores de uma geração para outra há trocas, onde os mais moços respondem ativamente, fazendo com que as mudanças possam acontecer, tanto nas próprias relações familiares, como no contexto da sociedade. Na troca entre gerações familiares, a memória social e o projeto de vida, portanto, o passado e o futuro planejado, são constitutivos das relações sociais tecidas no cotidiano.

As mulheres de camadas médias urbanas com maior escolaridade representam uma parcela da população no mercado de trabalho e apresentam percepções de seu lugar na sociedade e na família baseados em valores igualitários. Mas não sem contradições como veremos abaixo.

No universo de pesquisa, percebemos que a geração intermediária vivenciou intensamente o conflito entre o arcaico e o moderno, com a tentativa de derrubada de velhos mitos e tabus a respeito do papel e da posição da mulher na sociedade. Essa geração reclamou para si a independência e autonomia enquanto um valor. Elas buscaram formas de se afirmar e de afirmar seus desejos, ainda que em seu discurso defendessem uma conciliação, ou subordinação a definição tradicional de mulher.

Assim, segundo Maria Lúcia Rocha-Coutinho:

“Com o “jeitinho” costumeiro, iam abrindo um pouco seu caminho e “abrindo os olhos” de suas filhas, enfatizando para elas a importância da mulher investir numa carreira. Contudo, essas mulheres continuavam a acreditar que o papel mais importante da mulher era a maternidade, e o investimento profissional não poderia nunca significar o “abandono” desta função feminina “maior”.” (Rocha-Coutinho, 1998, p. 93)

Nesta geração de mulheres, a valorização da individualização significou uma mudança para essas mulheres na relação com os pais, afastando progressivamente de sua tutela, no intuito de conquistar a realização da sua autonomia. Para esta geração, a liberdade é muito valorizada, pois foi travada por muitos conflitos com os familiares, sobretudo com a figura do pai.

“Eu é que fui desbravando essa história... pai militar... tantas horas, têm que dormir; Eu que sempre fui a que enfrentava...então não podia usar biquíni...eu é que fui lutando pelas “conquistas”: ir a praia, sair de carro com o namorado...eu tive um namorado com 16 anos, namoramos dos 16 aos 22, por aí, foram uns 06 anos. Aí minhas amigas já estavam casando e me deu uma coisa, que eu disse: “Peraí, eu não vou casar!”. Terminei o namoro! Aí tive vários namoros...”(Michele, 55 anos)*

“O meu pai, ele era muito rígido... eu não fui uma adolescente extremamente rebelde, mas algumas ocasiões...o momento que eu achei que tinha que mostrar que eu já tinha crescido...a minha mãe veio pra apartar.”(Célia, 49 anos)*

A conquista de espaços públicos, por intermédio do investimento na educação e na profissão significou a independência econômica, consequentemente tornou-se um alento que possibilitou fazer escolhas mais amplas.

“ ...nunca pedi dinheiro emprestado para os meus pais, nunca pedi, fiz questão de fazer da minha vida o que eu queria.”(Sônia, 58 anos)*

Algumas mulheres em algum momento das suas vidas, entretanto, interromperam seus projetos individuais (continuar os estudos ou a carreira profissional), seja devido à carreira profissional do cônjuge, o nascimento dos filhos, ou dentre outras demandas dos membros da família nuclear.

*“Eu ia fazer mestrado na Inglaterra, eu já estava com a bolsa do conselho britânico, aí começamos a namorar, e vamos casar, vamos casar, aí eu desisti. Era uma coisa que eu podia ter ido, mas sei lá estou a 27 casada.”(Michele *, 55 anos)*

“Ele era engenheiro da Petrobrás, ele fez concurso e passou. Depois foi escolhido para ir pra Macaé... Inicialmente era pra ficar em terra, mas logo ele começou a embarcar , então eu morei lá alguns meses sozinha em Rio das Ostras... Só que ali eu morei sozinha, por que ele só aparecia, realmente, final de semana, depois. Deixei de fazer o curso que eu queria, que era um curso de tradutor e interprete na

PUC. Quando eu voltei de lá a PUC tinha encerrado esse curso, aí voltou alguns anos depois. Mas de lá eles mandaram ir o grupo novo que tinha entrado pra fazer o curso na Bahia, em Salvador, na refinaria de lá. Eram três meses, então aí eu fui, ele era o único casado.”(Célia, 49 anos)*

Essa geração intermediária entrou para o mercado de trabalho motivada pela sua independência financeira, sem almejar atingir o sucesso profissional, sua motivação maior era garantir um capital cultural e educacional para seus filhos, para que elas pudessem ser socializadas dentro de uma lógica de autonomia e independência. Com isso, seus projetos individuais ficavam sempre em segundo plano, em prol de um projeto que envolvesse o coletivo.

“ ... Eu estou pra me aposentar há 5 anos, e agora vai mesmo... como eu sustento muita gente eu não posso parar de trabalhar, então eu estou numa empresa privada... eu sempre sonhei em ser uma pessoa cigana, morar em diversos países, e eu nunca consegui isso. Eu sempre tive âncora que me prendesse. Eu fui pra FUNABEM, porque eu tinha que sustentar os meus filhos quando eu tinha que fazer uma carreira universitária, por exemplo. Quando eu

fui fazer mestrado, eu fui fazer porque eu queria pontuar o meu currículo pra poder ter melhoria de salário, poder estar em lugares melhores. Eu nunca segui o meu impulso maior, ... , por exemplo eu quis fazer letras, porque eu sempre quis escrever, desde pequena que eu quero escrever.”(Laura, 58 anos)*

Já as mulheres da primeira geração que tiveram suas filhas no final dos anos 40, início dos anos 50, foram socializadas dentro de uma lógica de que o lugar da mulher na sociedade e sua fonte de felicidade eram a casa, cuidando física e emocionalmente do marido e dos filhos, ou seja, reproduziram a função de cuidadora do lar.

A primeira geração de mulheres entrevistadas teve uma valorização da educação formal, na infância e adolescência, porém uma socialização dentro do ambiente familiar muito rígida. Não se tinha a liberdade e a autonomia como legados a serem transmitidos.

“Pra tudo tinha horário, porque uma vez tudo era muito rígido, mas foi muito bom (...) Criança tinha vida separada, não participava de conversa de adulto.”(Luciana, 83 anos)*

“Muito rígida, meus pais agiam como típicos aristocratas. Tive uma educação baseada nos princípios católicos.” (Sílvia, não informou a idade)*

Não tinham a percepção de que a carreira profissional poderia ser um campo de satisfação pessoal, os valores transmitidos se remetiam ao papel de mulher como esposa e cuidadora do lar.

“Pra mim foi um pouco difícil porque em casa eu era a dona da casa praticamente, não tinha, era muito paparicada e tudo. E ele tem valores, ele melhorou muito, mas austeros pra época (...), mas quando você gosta da pessoa e em outros âmbitos você se dá muito bem, então você releva.”(Cristina, 76 anos)*

“Caí na minha vida como esposa” (...) Era, era muito feliz.”(Marisa, 88 anos)*

Das mulheres da primeira geração entrevistadas, todas saíram de casa para casar e nenhuma trabalhou formalmente após o casamento, apenas duas trabalharam temporariamente enquanto eram solteiras.

“Então eu fui pra escola com sete anos e saí com dezoito pra casar. Fiquei interna um ano” (Cristina, 76 anos)

“Eu trabalhei no escritório da “Mesbla” (...), mas pouco tempo(..) ainda era solteira, depois mudei pra São Paulo (...) Depois que casei meu marido dizia que mulher não trabalha fora e a besta aqui acreditou(...) Quando tinha as meninas pequenas levava as meninas pra minha mãe enquanto eu ia fazer o curso de costura.(...) meu marido não foi contra. Meti as caras, já fiz muito vestido de noiva e isso ajudava a comprar as coisas(...). Já fiz muita fantasia de carnaval.” (Ângela, 69 anos)

Com relação às jovens da terceira geração, estas valorizam a independência e a realização feminina fora do ambiente familiar, ou seja já foram socializadas por valores individualizados. Estas mulheres foram expostas desde pequenas a um discurso social que encorajava a mulher a garantir o seu espaço no mercado de trabalho, visando a realização profissional. Essas jovens têm o seu processo de individualização baseado na construção de um campo de possibilidades, onde a busca de autonomia e independência via profissionalização são prioritários.

Assim, o processo de individualização é explicitado na trajetória profissional dessas jovens, no que se refere a suas aspirações com relação a uma “vida confortável”, a uma “boa condição de vida”, aliada ao “prazer” em realizar a atividade profissional. Pode-se dizer que as escolhas feitas pelos indivíduos, no decorrer de sua trajetória de vida ocorrem dentro de um campo de possibilidades.

Segundo Gilberto Velho:

“é em função do campo de possibilidades que os indivíduos armam suas estratégias de vida, fazem opções, estabelecem projetos. O sistema de relevâncias e tipificações socialmente aprovado é o campo comum dentro do qual as tipificações e estruturas de relevância privadas dos membros individuais do grupo se originam.” (Gilberto Velho, 2001, p.46)

Dessa forma, o processo de individualização é a base da constituição de uma trajetória de vida, pois, são os objetivos que vão nortear o rumo tomado e as escolhas feitas pelos atores sociais, dentro de sua história de vida.

“ O indivíduo é percebido como o potencial sujeito de sua existência, tendo na construção e desenvolvimento de projetos a possibilidade

de realização de sua vida”. (Gilberto Velho, 2001, p. 48)

Elas tiveram uma socialização voltada para a aquisição do capital cultural, onde suas mães enfatizaram o processo de individualização através da educação formal ou através de cursos e viagens.

“Eu ia pro colégio de manhã, sempre estudei artes, então fiz vários cursos. Eu saía, fazia curso de gravura (...), fazia curso de pintura no (...), fazia dança, fazia mil atividades. Era muito elétrica, era muito política, aí montava o grêmio e fazia teatro político...”(Samantha, 27 anos)*

“Eu fazia curso de inglês, teve uma época que eu fui pra academia, fazia street-dance, musculação, saía... Eu tive tudo muito solto.” (Ana Carolina, 20 anos)*

Com relação aos projetos futuros, todas as entrevistadas pensam em realizar seus projetos individuais relacionados à carreira profissional, à conquista de autonomia e independência no espaço do mercado de trabalho.

“Eu quero me formar, trabalhar dentro do que eu gosto, mas ao mesmo tempo trabalhar com o que me dê dinheiro. Fazer o que eu gosto, mas também não vou fazer aquilo que eu não goste tanto e que também não me dê dinheiro. Por que eu quero uma vida confortável p/ mim, fazer de tudo p/ que eu consiga chegar aonde eu quero. (...). Por exemplo, uma área que eu gosto muito é saúde pública, mas isso não dá dinheiro. Mas eu penso assim, vou fazer saúde pública mas vou também fazer ‘personal’ por que dá dinheiro e eu gosto também. Por que eu prefiro juntar as duas coisas p/ eu ter uma vida bem confortável.” (Carla, 24 anos)

“eu não pretendo fazer Pedagogia. Pretendo continuar na escola dando aula, tô adorando, meus alunos têm cinco anos e eu amo eles, me divirto, eles estão gostando do trabalho que eu tô fazendo na alfabetização do Inglês... E com esse curso de Cambridge eu aprendi muito, e posso dar aula fora... E a escola em que eu trabalho tem em outros países, e eu já falei com a diretora de fazer um intercâmbio. Daqui a um ano e meio, quando eu já tiver dois

anos como professora da escola, talvez eu vá pra Espanha, dar aula lá pela escola, durante um ano, talvez... Mas isso ainda é um projeto, ainda estou vendo com a diretora se é viável. E como eu não tenho Pedagogia, a diretora me chamou esse ano, pra fazer um curso no Chile, em Julho, que é um curso que a escola tem e que vão os professores convidados.”(Monique, 24 anos)*

Assim sendo, o processo de individualização requer duas dimensões elaboradas anteriormente, a autonomia e a independência:

“A independência, e principalmente a independência econômica é a maneira pela qual o indivíduo pode, graças aos seus recursos pessoais retirados diretamente de sua atividade, depender menos dos próximos; a autonomia é o conhecimento no mundo no qual essa pessoa vive: mundo definido pela elaboração tanto de regras pessoais quanto, no caso de vida comum, de regras construídas na negociação entre várias pessoas. Quando essas duas dimensões estão reunidas – independência e autonomia – então, o

indivíduo moderno tem o sentimento de estar livre, pelo menos de sua vida privada.”(Singly, 2001, p. 43)

O processo de individualização e de maior autonomia cultural dessas mulheres, depende de um aumento da escolaridade incentivada pelos pais, o que implica em um prolongamento da dependência econômica e da coabitação.

“Meu pai, ele quando estudava, também trabalhava, pra pagar os estudos, então ele falava: “Minha filha, a pior coisa que tem é ter que trabalhar e estudar, depender disso! Então, eu estou te dando todo o conforto pra você estudar, pra depois você se formar, se profissionalizar e trabalhar”. Então você tem que pensar nisso. Eu dependo, mas de uma certa forma, é uma regalia que eu tenho. Eu não preciso trabalhar, enquanto tem muitas pessoas que dependem do trabalho pra poder estudar.”(Ana Carolina, 20 anos)*

Estas jovens adultas vivem um momento crítico de suas trajetórias individuais, o momento em que já se reconhecem como adultas, entretanto, sem serem “adultas de fato”, pois ainda não atingiram um grau de

independência, que implique na formação de uma real autonomia. O que pudemos perceber, preliminarmente, foi a corroboração de um fenômeno que Cicchelli (2001) chamou de *“alongamento da socialização através do prolongamento dos encargos superiores”*, que pode ser entendido como o aumento dos anos de convivência na casa dos pais devido ao prolongamento dos anos de estudo.

A questão da descoabitação, percebida como a saída da casa dos pais, é um ponto crucial para que estas jovens, que, cronologicamente já são consideradas adultas, se percebam e se imponham, ou seja, sejam reconhecidas socialmente como tais. É esse o difícil movimento de construção de si próprias enquanto indivíduos autônomos.

Em linhas gerais, é possível ver que estas jovens mulheres se inserem na dinâmica complexa de transformações da família contemporânea, como produtos e agentes. Elas são reflexos, ao mesmo tempo em que reafirmam a noção de “indivíduo individualizado”, de acordo com o grau de individualização. Assim, elas sofrem todos os níveis possíveis de conflito e de conciliação nesta instituição social, que está presentemente se encontra entre dois pólos, um lugar entre público e privado podendo mesmo ser, ambigualmente, classificada como “relacional e individualista” (Singly, 2001).

No próximo capítulo, abordaremos a questão da construção de uma nova família de orientação, a partir das perspectivas destas mulheres, procurando relacionar os âmbitos casamento, maternidade e carreira profissional.

Capítulo 03 – Concepções de família

3.1 – A família moderna

A família não pode ser pensada a partir de valores eternos, atemporais e imutáveis, sua universalidade não trata de algo “natural” mas sim, a algo inerente às ordens cultural e simbólica que homens e mulheres instauram sobre a natureza. A família firma-se, assim, como uma superação da idéia de família biológica, pois é uma construção social historicamente demarcada, em que seus membros mostram-se unidos por uma complexa e precisa rede de direitos e proibições, de direitos e obrigações econômicas e mais modernamente, por laços afetivos comumente acompanhados por laços religiosos e legais.

A família moderna subsiste através de um relativo equilíbrio entre as expressões do afeto e da violência, do amor e do ódio. Assim:

“A idéia de família como um conjunto de emoções e sentimentos permite representá-la como uma instituição que amplia os quadros biológicos e legais do parentesco. Embora esses quadros façam parte da construção social da família, eles estão envolvidos pelas emoções e sentimentos, vistos como forma de expressão familiar.”(Lins de Barros, 1987:81)

A família é igualmente um grupo que partilha de um conjunto decisivo de recursos e de condições de existência. Nele, estruturam-se os princípios

organizadores básicos dos sistemas de disposições, onde são geradas grande parte das estratégias e orientações de vida. São os laços de reciprocidade que estão na base das formas de organização familiar. Desse modo, podemos pensar a família como:

“Um grupo de pessoas que, unidas pelos laços de parentesco e de afinidade, estabelece entre si códigos próprios capazes de fazer fluir inúmeras facetas de relacionamento. A comunhão de uma linguagem reafirma a presença de uma história não só de laços de sangue mas de laços morais (socialização), que diz respeito a todos os elementos do grupo.” (Lins de Barros, 1987)

A família moderna, ao mesmo tempo, em que é um lugar de autoridade, é um espaço de diálogo. O padrão tradicional familiar é autoritário e repressor, sendo a figura do pai associada à obediência e ao respeito. Tal era o medo predominante – confundido com respeito – que ninguém ousava questioná-lo. Os papéis de pai e de mãe também eram bem definidos e determinados: ao pai cabia o sustento e a autoridade e à mãe, cuidar exclusivamente da educação dos filhos e dos afazeres domésticos. Numa família em que não se tem o valor da negociação e da autonomia, o homem e a mulher têm papéis mais

específicos e diferenciados – há então uma relação mais hierárquica. As famílias hierárquicas são definidas em termos de papéis, de posições por idade e por sexo, onde há uma moralidade calçada nos modelos de autoridade.

Fazendo um contraponto entre os modelos de família na antiguidade clássica e o modelo de família contemporânea, percebe-se nitidamente, uma mudança nos papéis sociais exercidos por homens e mulheres.

Segundo Ângela Mendes de Almeida (1987), a família patriarcal brasileira era rural, caracterizada pela produção para a exportação, devastação da terra, trabalho escravo e poligâmica. Ao homem branco todas as relações sexuais eram permitidas, já para as mulheres brancas era reservada a castidade. Essa família patriarcal é apresentada como uma matriz permeada por todas as esferas sociais, a política, as relações de trabalho e poder, e as relações interpessoais.

Já a família contemporânea do século XX, oriunda da família nuclear burguesa nascida com a ascensão da burguesia industrial, permite que os filhos criem sua própria opção de vida. Os valores burgueses se intensificam e começa a haver mudanças na sociedade. Nas últimas décadas do século XX, como a valorização da mulher no mercado de trabalho, a divisão das responsabilidades nas funções dos papéis do casamento, a violência urbana, os movimentos políticos e ideológicos, dentre outros, acarretaram mudanças até de visões de mundo.

A família patriarcal, tradicional, com papéis masculinos, femininos, direitos e deveres claramente definidos por gênero e geração está deixando de existir. A família tradicional tende a ser fechada para novas idéias, pois não há espaço para a singularidade de cada um e sim com o papel hierárquico que ocupam

nas famílias. No entanto, a família não se reduz a papéis ou funções predeterminados porque está em constante interação, com o próprio indivíduo, com a sociedade, com a religião, com a escola, com a economia.

Os conceitos e expressões tradicionais sobre família não mais valem para a família moderna. Numa família moderna acredita-se que todos podem se beneficiar, enriquecendo e ampliando sua visão de mundo por meio da troca das diversas experiências, onde as pessoas não estão representando papéis sociais, mas podem demonstrar suas afinidades. Entretanto, este modelo pressupõe algo que é muito complicado: valores individualistas e valores hierárquicos em constante conflito. Estes valores construídos na sociedade têm na família uma tradução a partir da linguagem dos sentimentos. Numa sociedade complexa, há uma pluralidade de experiências, onde estão presentes valores igualitários (autonomia e independência tais como a inserção da mulher no mercado de trabalho) e valores hierárquicos (tal como a dominação do homem sobre a mulher), conceitos que já foram desenvolvidos anteriormente.

Embora haja uma tensão entre tais valores, Gilberto Velho diz que (...)*há também uma constante busca de arranjo e rearrumação em que a valorização de projetos individuais não seja incompatível com um relacionamento significativo com parentes mais próximos* (Velho, 1981,p. 46).

Para Elizabeth Dória Bilac,

“À medida que a sociedade se complexifica, passa a haver uma crescente especialização institucional – cada dimensão da sociedade

tem as suas instituições próprias. Do mesmo modo, a reprodução passa a ser organizada por instituições específicas, e a família pode ser concebida como instituição fundada na e para a reprodução quotidiana e geracional dos seres humanos.” (Bilac, 2002: 32).

É justamente dentro desse modelo de família contemporânea que se valoriza cada vez mais os processos de individualização, onde os indivíduos “escolhem” aspectos do mundo de acordo com suas próprias localizações na estrutura social cujo fundamento se encontra na biografia de cada um. Pode-se dizer que as escolhas feitas pelos indivíduos ocorrem dentro de um campo de possibilidades.

Segundo Gilberto Velho (1981), é em função desse campo de possibilidades que os indivíduos armam suas estratégias de vida, fazem opções, estabelecem projetos. O sistema de relevâncias e tipificações socialmente aprovado é o campo comum dentro do qual as tipificações e estruturas de relevância privadas dos membros individuais do grupo se originam. Pois, situação particular do indivíduo é sempre uma situação dentro do grupo, os seus interesses privados e problemas particulares estarão relacionados àqueles do grupo.

Com os projetos individuais, a família tradicional perde seu caráter centralizador, pois os indivíduos são vistos como responsáveis por sua existência, *tendo na construção e desenvolvimento de projetos, a possibilidade de realização de sua vida* (Velho, 1981:49).

Clara Araújo (2005) apresenta um panorama de mudanças recentes na família brasileira. As famílias estão ficando menores, essa redução ocorreu sobretudo, a partir da década de 1970, levando simultaneamente, a alterações nos tipos de arranjos familiares e nos padrões de conjugalidade. As estatísticas mostram que aumentaram as famílias compostas por apenas um indivíduo, as famílias monoparentais, as compostas de casais do mesmo sexo e de casais sem filhos, ao mesmo tempo em que diminuíram as famílias extensas e mesmo as nucleares, compostas de casais e filhos. Vem aumentando também a idade média em que as pessoas se casam, principalmente as mulheres, isso é um indicador de que a dimensão profissional, começa adquirir relevância para os indivíduos. Os processos de individualização e a maior autonomia dos sujeitos possibilitaram alterações nas relações de poder e o enfraquecimento da autoridade patriarcal, assim como do caráter institucional da família.

Assim, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, paralela ao crescimento da escolaridade feminina, coincide com o aumento do número de separações e divórcios. O casamento chega a ocorrer, mas a maternidade é adiada até o alcance da estabilidade profissional. O investimento nos estudos e na profissão com frequência vem antes da decisão de formar uma família. Assim, o número de relações conjugais não legalizadas, entre jovens, também cresceu, em função não apenas da maior independência das moças - que se vêem em condições de arriscar um pouco mais nas escolhas amorosas - quanto em função da liberdade sexual conquistada há quase meio século pelas mulheres.

Outra marca da família das famílias modernas, é a quebra dos rituais de passagem para a fase adulta, atualmente devido a coabitação prolongada de

jovens adultos na casa dos pais, não há mais a marcação da chegada a fase adulta pelo casamento ou pela descoabitação, a fase adulta é marcada pela construção da autonomia numa relação de dependência residencial, financeira e material, conquistada através de negociações dentro do espaço de convívio familiar.

Segundo Elsa Ramos (2006), esse “*é o paradoxo da família contemporânea. Ela é um espaço de dependências, mas pode também favorecer a construção de autonomia e identidade, na medida em que uma de suas funções é ajudar na revelação de seus membros.*”

Esses fatores foram observados ao longo das entrevistas realizadas, de modo que ficou visível a diferenciação de valores entre as gerações estudadas, com relação a questão de constituição de uma nova família de orientação. Aqui, entende-se por constituição de uma nova família de orientação, a passagem para a fase adulta com a saída da casa dos pais, o casamento e as mudanças advindas com a chegada dos filhos.

3.2- O processo de constituição de uma nova família de orientação

A família é o representante fundamental no processo de socialização primária, sendo este primeiro contato entre o indivíduo e a sociedade. Deste modo, o indivíduo internaliza valores passados pelos seus familiares. “Se a família pode ser vista como unidade básica no processo socializador, as relações intergeracionais permitem apreender o movimento da socialização, ou seja, sua dimensão temporal”. (Vitalle, 2002, p. 90)

O indivíduo ao receber inicialmente os valores transmitidos por seus familiares internaliza-os e faz deles partes integrantes do seu modo de interpretar o mundo. Com o tempo o indivíduo amplia a sua rede social e passa a entrar em constante choque com a sua socialização primária. Algumas concepções vão sendo destruídas dando lugar a outros pensamentos, e outras vão sendo reafirmadas. A partir do contato com outros grupos de referência, fora do arranjo familiar, o sujeito passa a formar a sua socialização secundária. No entanto, esse processo não é simples, já que o indivíduo na sua socialização primária internalizou formas de interpretar o mundo.

A importância sobre a compreensão dos legados é que por meio deles buscamos compreender o processo de transmissão do mundo social através das suas relações entre as três gerações femininas. Os legados aparecem perceptíveis pelo sujeito como modos, valores, atitudes, dentre outros universos simbólicos, herdados do seu grupo familiar. Formando um conjunto de elementos que esses sujeitos consideram ter sido passado de geração para geração, tendo como um valor que repassar para gerações futuras.

Para Maria Amália Feller Vitalle, o legado geracional “diz respeito ao conteúdo que integra a herança simbólica transmitida entre as gerações, reveladores de modelos que orientam a socialização de parte dos segmentos sociais médios”. (Vitalle, 2002, p. 89)

Assim, se compreendermos o processo de transmissão de legados entre as gerações femininas podemos apreender o movimento histórico de socialização dessas mulheres. Deste modo, o que foi transmitido, reproduzido e transformado no mundo social.

A primeira geração de mulheres entrevistadas recebeu uma socialização primária voltada para o casamento. Ao internalizarem esse tipo de valor, entendem que o processo de passagem para a fase adulta compreende a saída da casa dos pais, para o compartilhamento da vida conjugal, com as responsabilidades domésticas.

Essas mulheres tinham o limiar das construções de seus projetos e de suas trajetórias de vida cerceada primeiramente por seus pais e depois pelos seus cônjuges, sempre pautada no modelo tradicional de família. Segundo este modelo as mulheres tinham seus papéis sociais limitados e fixos, que praticamente reproduziram a função que as suas mães tiveram como cuidadora do lar, ou dedicada profundamente à família, ao âmbito privado das relações.

“Eu casei logo em seguida e não tive profissão, mas senti falta. E depois, como eu casei com militar, era aqui e lá, aqui e lá, de uma certa maneira eu incorporei essa dona de casa e saí pra cursinhos que eu podia fazer em qualquer lugar.”(Cristina, 76 anos)*

“Eu trabalhei no escritório da Mesbla.” (...), mas pouco tempo(..) ainda era solteira, depois mudei pra São Paulo (...) Depois que casei meu marido dizia que mulher não trabalha fora e a besta aqui acreditou(...)”(Ângela, 69 anos)*

“Eu ia me formar em biblioteconomia, mas quando fiquei noiva meu marido me obrigou a largar”(Luciana, 83 anos)*

“Meu marido não era muito sociável, mas eu assim me acomodei, não era muito de reclamar. Casei com ele, um homem bom, sempre foi, com as meninas também” (Ângela, 69 anos)

Estas mulheres vão mudando os seus valores de acordo com o contato com as suas relações sociais. atualmente, entendem a carreira profissional como necessária a formação do indivíduo, assim transmitem para suas filhas o legado da autonomia individual, via profissão. Ou seja, essas mulheres passam para suas filhas uma educação diferenciada da que receberam, valorizam a carreira profissional, de modo que as mesmas consigam ter sua independência financeira, visto que houve uma redução da renda familiar ao longo dos anos.

“Mas você acha importante o trabalho pra mulher?Extremamente importante, tanto que eu fiz questão que as minhas filhas tivessem. Eu acho que a mulher sem trabalho fica lesada, uma parte dela não desenvolve, porque a parte profissional é muito importante.”
(Cristina, 76 anos)*

Assim, todas as entrevistadas colocam que atualmente é preciso se priorizar o aspecto econômico do que a questão da satisfação pessoal, porém transmitem às suas filhas a liberdade como um valor, ao invés da rigidez educacional, deixando – as livres para realizar as suas escolhas.

“E até isso mudou, na minha época as pessoas faziam o que gostavam de fazer, hoje você tem que olhar no aspecto financeiro também, por que não vai te satisfazer, mesmo escolhendo aquilo que você gosta se você não é bem remunerado. Se você puder trabalhar na área que você gosta, muito bem, mas dificilmente você encontra, então você acaba tendo que se adaptar.”(Cristina, 76 anos)

““Eu acho que as escolhas que eles fizeram...nem posso te dizer se foram erradas ou não. Cada um tem que ter a sua experiência, embora a gente oriente, porque é dever da mãe e do pai orientar: olha, por esse lado você não vai chegar lá!

Mas é obrigação, porque a gente já passou por isso, mas cada um quer ter a sua experiência né.” (Cristina, 76 anos)*

A geração intermediária das mulheres entrevistadas conquistam o meio público na sua fase adulta, por intermédio do investimento na educação e na profissão, feito por suas mães, o que significou uma independência econômica , frente a família de origem, conseqüentemente possibilitando a essas mulheres possibilidade de fazer escolhas mais amplas.

“.. nunca pedi dinheiro a meus pais, nunca pedi, fiz questão de fazer da minha vida o que eu queria.” (Sônia 58 anos)*

“eu sempre fui muito de gostar de trabalhar, de ter o meu dinheiro, sempre fui muito independente. Então eu comecei a trabalhar com 16 anos, aí trabalhava três meses, período de experiência só. E com 17 anos eu entrei pro banco.”(Áurea, 48 anos)

Tal geração, portanto, é fortemente marcada pela valorização da individualização o que trouxe um outro viés para a relação conjugal. Diferentemente da geração de suas mães, o casal passa a ser visto como dois indivíduos com desejos e escolhas próprias, que nem sempre, ou melhor, na maioria das vezes, estão não estão em acordo. A mulher deixa de ter como eixo fundamental da sua vida o papel de dona de casa, como mediadora da realização pessoal do marido e dos filhos.

“... eu fui educada pra ser mãe de família, então quando eu passei no vestibular foi uma surpresa absurda, depois eu trabalhei. Aí fiz vestibular e foi uma surpresa pro meu pai e pra minha mãe, que nem estavam aqui e que pra eles eu não ia passar mesmo... com 40 anos, boda de ouro, não sei como minha mãe agüentou. Eu hoje digo pro meu pai: eu não teria te aturado 06 meses. Ele compondo a casa, com quatro filhos, um atrás do outro, meu pai chegava em casa e passava os dedos assim os móveis pra ver se minha tinha limpado... ela suportou muita coisa calada. Pra você ver que quando fiz dois anos de casada, embora a educação tenha sido pra ficar, manter o casamento, eu acho que o

relacionamento não é isso, relacionamento é uma troca, então, foi quando eu resolvi me separar.” (Célia, 49 anos)*

Portanto, essa geração em sua fase adulta rompe, mesmo que parcialmente, com as concepções da geração antecedente e reivindica a sua autonomia e liberdade para escolher como quer se relacionar com o seu cônjuge e de que maneira pretende direcionar a sua vida.

Essas mulheres da geração intermediária buscam o ideal de casal igualitário, qualificado pela divisão da tarefa doméstica e do aporte financeiro. Mas essa idealização também inclui um companheirismo nas atividades de lazer, no diálogo, na troca entre os diversos elementos da vida privada e pública. Quando não são encontrados tais elementos, no casamento, ocorre a separação, e a busca por um novo companheiro que corresponda a seus anseios.

“O problema é que eu queria sair, eu tenho muitos convites, e ele não aceitava. Ah eu não vou, não vou. E com ele era um monólogo, eu chamei ele pra conversar três vezes e não deu em nada, como ele não abria a boca eu falei: bom vai ficar mudo, então vamos decidir a nossa vida. Ou sai você ou saio eu.” (Áurea, 48 anos)*

Após a separação, essas mulheres passam a assumir a renda da casa, abdicando do acompanhamento em casa e contam, assim com a ajuda de mães e sogras para ajudá-las na educação dos filhos, na medida em que investem na vida profissional.

“me formei em Novembro e em Janeiro tava em Quintino... FUNABEM... fiquei com 41 k, foi um sofrimento...estava com 32 anos, mas tinha que sustentar três crianças sozinha, sem pensão.” (Laura, 58 anos)*

“Quando a Ana Carolina veio morar aqui já tinha um mês. Então minha mãe se “mudou pra cá”, vinha sempre, e eu voltei a trabalhar, quando não ficava a minha mãe aqui ficava a minha sogra.”(Áurea*, 48 anos)*

“quando meu filho nasceu...voltei pra casa mátria...tinha jardim..piscina... empregada, eu podia ficar menos exposta...ele tinha microcefalia, então era muito feio, todo mundo na rua parava, então era difícil pra mim aquilo. Aí a minha mãe cuidava dele e eu trabalhava.”(Laura, 58 anos)*

Assim, essas mulheres procuram socializar as suas filhas, dentro de uma perspectiva de valorização da independência e autonomia, visto que este foi um valor conquistado por elas. Transmitem a valorização do “eu” como um legado para a próxima geração.

“... eu tinha meu emprego, eu me sustentava e já era dona do meu nariz, então se acontecesse alguma coisa, eu podia me sustentar. E eu nunca fui sustentada por homem, isso daí eu me dou ao luxo, eu sou muito independente, sempre fui e é isso que eu tento passa pra ela (sua filha), não dependa de homem, tenha o seu dinheirinho, dentro do bolso, porque aí você pode fazer o que você quiser.” (Laura, 58 anos)*

Com relação a terceira geração de mulheres entrevistadas, não há um rito de passagem para a fase adulta, como por exemplo o primeiro salário, ou o casamento, ou até mesmo a descoabitação, que permita que essas jovens sejam vistas pela sua família de origem como adultas. A situação em que essas jovens adultas se encontram é interessante pois devem construir sua autonomia numa relação de dependência residencial, financeira e material. Essas dependências podem ser vistas como um entrave a construção da identidade dessas jovens:

Segundo Elsa Ramos (2006):

“ É o paradoxo da família contemporânea. Ela é um espaço de dependências, mas pode também favorecer a construção da autonomia e identidade, na medida em que uma de suas funções é ajudar a revelação de cada um de seus membros. A família é assim apreendida em relação à função de ajuda na construção das identidades pessoais: para tornar-se ele mesmo, o indivíduo tem necessidade do olhar das pessoas a quem atribui importância e sentido: os outros significativos” (Ramos, 2006)

As jovens da terceira geração tiveram a sua educação voltada para o capital cultural, prioriza-se a educação formal, com inclusão em curso superior e o engajamento em aparatos culturais, como teatros, cinemas, museus, entre outros, assim como cursos diversos. Valoriza-se a autonomia e independência, via educação, visando uma melhor inserção no mercado de trabalho e consequentemente, o sucesso na carreira profissional escolhida.

“Estudar, estudar e estudar, mais nada, não tinha....(...) Só no caso de ficar sem empregada, coisa assim, aí a gente dividia, mas obrigação assim mesmo eu não tinha....). (A mãe) Cobrava só estudar” (Carla, 24 anos)*

“Eu ia pro colégio de manhã, sempre estudei artes, então fiz vários cursos. Eu saía, fazia curso de gravura (...), fazia curso de pintura no (...), fazia dança, fazia mil atividades. Era muito elétrica, era muito política, aí montava o grêmio e fazia teatro político...”(Samantha, 27 anos)*

Devido a alta valorização da formação educacional, há um prolongamento dos anos de estudo, e conseqüentemente, um prolongamento da coabitação com os pais. Todas as jovens entrevistadas residem ainda com a sua família de origem, mesmo que tenham passado alguns anos fora da casa dos pais.

Assim, o domicílio se torna um espaço de negociação para a conquista de espaços que garantam a autonomia dessas jovens. Segundo Elsa Ramos (2006):

“ Os pais reconhecem o direito dos filhos a uma vida pessoal na situação de coabitação. O controle parental sobre as visitas e saídas é mais suave, e os jovens adultos podem dispor de espaços pessoais na casa dos pais, sendo o quarto o espaço mais característico dessa vida privada. “(Ramos, 2006)

Dessa forma, há um adiamento na constituição de uma nova família de orientação, visto que a prioridade nos seus investimentos é a conquista da carreira profissional, e o objetivo do casamento e da vida conjugal se torna secundarizado.

“Sobre ter filhos: “Penso. Agora (...) Não tinha vontade.(...) Quero continuar algumas coisas (da educação que recebeu)... Quero tentar ter maior controle, porque a minha mãe berrava muito.Tô estudando, né?Talvez eu vá morar fora de novo, tô decidindo, por causa do namorado (...) Tô pensando (...) se eu vou casar com ele ou não” (Letícia, 35 anos)*

“...Eu quero casar... Quero ter filhos... No máximo dois! Entre os 25 e 29 anos, que nem minha mãe me teve... Com 29 anos. Eu acho que... É o que ela sempre passa pra mim: ‘Eu te dou todas as regalias, a gente viaja, viajar é uma coisa muito boa, você não gosta? Então, eu viajei muito antes de ter você, eu fiz muita coisa pra depois eu ter você e assumir todas as responsabilidades que é criar um filho.”(Ana Carolina, 20 anos)*

“Eu quero me formar, trabalhar dentro do que eu gosto, mas ao mesmo tempo trabalhar com o que me dê dinheiro. Fazer o que eu gosto, mas também não vou fazer aquilo que eu não goste tanto e que também não me dê dinheiro. Por que eu quero uma vida confortável p/ mim, fazer de tudo p/ que eu consiga chegar aonde eu quero.” (Carla, 24 anos)*

Considerações finais:

Buscamos com esse trabalho apreender os sentidos dados pelas diferentes gerações ao processo de construção de uma carreira profissional e a sua influência na constituição de uma nova família de orientação. Analisamos cada entrevista, averiguando a recorrência de temas, no intuito de interpretar as mudanças e permanências da condição feminina na sociedade contemporânea.

Entendemos que a relação entre as gerações, seja no contexto familiar ou na sociedade em geral, pode vir a possibilitar o entendimento das transformações sociais, baseadas na troca de experiências, valores, atitudes diferentes, etc. Assim, a sociabilidade entre as gerações, no âmbito familiar ou não, aparece de forma elementar para a compreensão a respeito das relações entre as três gerações femininas de uma família.

Dessa forma, no primeiro capítulo deste trabalho, introduzimos os temas: família, gênero e geração, através de uma análise a respeito do universo estudado e das metodologias utilizadas nesta pesquisa.

No segundo capítulo foi realizado um breve histórico a respeito dos temas mulher e profissão, explicitando que as mulheres foram adquirindo autonomia, rompendo com as tradições, introduzindo novos valores na sociedade, ao longo da história do nosso país. Assim, nota-se com relação às famílias estudadas a questão da autonomia feminina foi ganhando espaço, passando a ser um valor transmitido ao longo das gerações.

Finalmente, no terceiro capítulo, analisamos as concepções de família (tradicional e moderna), observando as mudanças dentro desta instituição.

Percebemos, então, que se valoriza cada vez mais a educação formal e a entrada para o mercado de trabalho, ou seja, atualmente, há uma valorização da carreira profissional como garantia da autonomia feminina, o que difere da concepção tradicional, onde a mulher era voltada, exclusivamente, para questões familiares.

Em suma, a concepção de sucesso na carreira profissional como inerente ao processo de autonomia feminina é uma marca do segmento de classe estudado, assim, analisar as concepções das três gerações femininas sobre seu ganho de autonomia e como elas internalizam esse tipo de socialização, são fatores de grande importância para se entender as mudanças e permanências, referentes à condição feminina na sociedade como um todo.

Anexos

Roteiro de Entrevista – 1ª. Geração

I) Dados Básicos

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Cor:

Naturalidade:

Religião:

Renda (valor e discriminação: se é proveniente de aposentadoria; pensão; auxílio financeiro, etc):

II) Infância

Como foi a sua educação? Como foi a sua infância?(a escola, o local em que morava, que brincava, entender a rede e o espaço de sociabilidade.).

Como era a sua relação com a sua família?

Há alguma ocasião em especial que marcou a sua infância, por que?

Como você pode retratar esse momento da sua vida?

III) Adolescência

Como foi a sua adolescência?

Quais eram as responsabilidades que você tinha? (os estudos, as tarefas domésticas).

Quais os locais que você freqüentava? Com que pessoas você saía? Como era o namoro? (entender a rede e o espaço de sociabilidade e a relação dela com a família diante disso).

Como era a relação com a sua família?

Há alguma ocasião em especial que marcou a sua adolescência, por que?

Como você pode retratar esse momento da sua vida?

IV) Juventude

Como foi a sua escolaridade? Em que escola estudou? Como era a educação?

Você trabalhou fora? Quando? Por que sim/ não? Qual é o significado do trabalho para a mulher?

Como foi a saída da casa dos pais? Quando se casou? Como é/foi a relação com o marido?

Após a saída de casa como ficou a relação com a sua família? E com a família dele?

Foi nessa fase da vida que você teve a primeira relação sexual? Como foi? Você falou sobre isso com alguém? Quem? Já havia conversado antes com alguém sobre sexo? Quem ?

Quando teve filhos e quantos teve? O que mudou com o nascimento dos filhos/

Como você pensou a educação dos seus filhos? (rupturas e continuidades da sua educação)

V) Atualidade I

Com quem você mora? Como é a sua relação com quem você mora? E com os seus filhos? Quantos netos você tem? (como é a relação dela com eles)

Na atual fase de sua vida, o que é ser mãe? E o que é ser avó?

Quais são as suas atividades? Os lugares que você frequenta? Com quem você vai a esses lugares?

Quais são os seus gastos? (a maneira como gasta o dinheiro que recebe, se ele é suficiente para cobrir os gastos ou se depende de auxílios e de quem vem estes auxílios).

Quais são suas atividades? Que lugares você frequenta? Com quem vai a esses lugares?

VI) Atualidade II

Está satisfeita com sua aparência hoje? E com a sua saúde? Você faz alguma coisa para cuidar de si (tanto no sentido da aparência quanto no da saúde)

Como é a vida sexual hoje? Acredita que, ao longo da vida, sua experiência sexual esteve/está dentro de um padrão da sua geração?

Acredita que alcançou o que planejava na juventude? (as surpresas, realizações e decepções).

Quais são as diferenças que você percebe entre as três gerações femininas da sua família?

Você tem algum projeto para a sua vida hoje?

Para você, o que é família?

Dia:

Horário:

Roteiro de Entrevista – Geração Pivô

I) Dados Básicos

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Cor:

Escolaridade:

Escolaridade da mãe:

Escolaridade da filha:

Naturalidade:

Religião:

Renda (valor e discriminação: se provém do seu trabalho; do trabalho do marido/companheiro; se recebe auxílio, etc):

II) Infância

Como foi a sua educação? Como foi a sua infância? (a escola, o local em que morava, que brincava, entender a rede e o espaço de sociabilidade.).

Como era a sua relação com a sua família?

Há alguma ocasião em especial que marcou a sua infância, por que?

Como você pode retratar esse momento da sua vida?

III) Adolescência

Como foi a sua adolescência?

Quais eram as responsabilidades que você tinha? (os estudos, as tarefas domésticas).

Quais os locais que você freqüentava? Com que pessoas você saía? Como era o namoro?

(entender a rede e o espaço de sociabilidade e a relação dela com a família diante disso).

Teve alguma experiência sexual nesta fase da vida? Como foi esta experiência? Você falou sobre isso com alguém? Quem? Já havia conversado antes com alguém sobre sexo? Com quem?

Como era a relação com a sua família?

Há alguma ocasião em especial que marcou a sua adolescência, por que?

Como você pode retratar esse momento da sua vida?

IV) Juventude

Como foi a escolha do seu curso superior? Como foi a sua vida universitária? (mudanças e continuidades)

Quando você começou a trabalhar e em quê?

Como foi a saída da casa dos pais? Quando se casou? Como foi a relação com esse companheiro? (Caso a primeira relação sexual tenha ocorrido nesta fase, fazer as mesmas perguntas agora).

Após a saída de casa como ficou a relação com a sua família? E com a família dele?
 Quando teve filhos e quantos teve? O que mudou com o nascimento dos filhos?
 (perguntar a relação com o trabalho, a rotina, os hábitos, a relação com o companheiro,
 com a família, e com os amigos, o que mudou e o que precisou fazer para se adequar).
 Como você pensou a educação dos seus filhos? (rupturas e continuidades da sua
 educação)

V) Atualidade I

Com quem você mora? Como é a sua relação com quem você mora? E com os seus
 filhos? Você tem neto? (como é a relação dela com eles)
 O que é ser mãe, na fase atual?
 Atualmente como é a sua relação com os seus pais? (enfocar a relação com a mãe)
 O que é ser filha, na fase atual?
 (Caso seja avó) Como é ser avó nesse momento da sua vida?
 Você trabalha? Acredita que alcançou o que planejava na juventude? (as surpresas,
 realizações e decepções).
 Quais são os seus gastos? (a maneira como gasta o dinheiro que recebe, se ele é
 suficiente para cobrir os gastos ou se depende de auxílios e de quem vem estes
 auxílios).
 Quais são as suas atividades? Os lugares que você frequenta? Com quem você vai a
 esses lugares?

VI) Atualidade II

Está satisfeita com sua aparência hoje? E com a sua saúde? Você faz alguma coisa para
 cuidar de si? (tanto no sentido da aparência quanto no da saúde)
 Gostaria de mudar algo em seu corpo? O que mudaria?
 Como é a vida sexual hoje? Acredita que, ao longo da vida, sua experiência sexual está
 inserida dentro de um padrão da sua geração?
 Quais são as diferenças que você percebe entre as três gerações femininas da sua
 família?
 A fase atual da sua vida corresponde as suas expectativas anteriores?
 Você tem algum projeto para a sua vida hoje?
 O que família para você?

Dia:

Horário:

Roteiro de Entrevista – 3ª. Geração

I) Dados Básicos

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Cor:

Naturalidade:

Religião:

Renda (valor e discriminação: se é proveniente de estágio, “mesada”, trabalho, etc):

II) Infância

Como foi a sua educação? Como foi a sua infância? (a escola, o local em que morava, que brincava, entender a rede e o espaço de sociabilidade.).

Como era a sua relação com a sua família?

Há alguma ocasião em especial que marcou a sua infância, por que?

Como você pode retratar esse momento da sua vida?

III) Adolescência

Como foi a sua adolescência?

Quais eram as responsabilidades que você tinha? (os estudos, as tarefas domésticas).

Quais os locais que você freqüentava? Com que pessoas você saía? Como era o namoro? (entender a rede e o espaço de sociabilidade e a relação dela com a família diante disso).

A primeira relação sexual ocorreu nesta fase? Como foi? Você falou sobre a primeira relação sexual com alguém? Com quem?

Como era a relação com a sua família?

Há alguma ocasião em especial que marcou a sua adolescência, por que?

Como você pode retratar esse momento da sua vida?

IV) Juventude/ Atualidade I

Como foi a sua escolaridade? Em que escola estudou? Como era a educação?

Como foi a escolha do seu curso superior? Como foi/está sendo a sua vida universitária? (mudanças e continuidades)

Você trabalha ou realiza alguma atividade remunerada? Que atividade é esta? Recebe alguma ajuda financeira? Como você gasta seu dinheiro? (se ajuda em casa, realiza alguma atividade relacionada a estudo, se gasta o dinheiro para atividade de lazer, etc)

Com quem você mora?

Como é a sua relação em casa? Você namora ou tem companheiro atualmente? E como é esta relação?

Já teve a experiência de sair da casa dos pais? Caso tenha saído, como ficou a relação com a sua família?

Tem filhos?

O que mudou com o nascimento dos filhos? (perguntar a relação com o trabalho, a rotina, os hábitos, a relação com o companheiro, com a família, e com os amigos, o que mudou e o que precisou fazer para se adequar).

O que é ser mãe neste momento da vida?

Atualmente como é a sua relação com os seus pais? (enfocar a relação com a mãe) E com os irmãos? E com a avó?

O que é ser filha neste momento de sua vida?

Quais são as suas atividades? Os lugares que você frequenta? Com quem você vai a esses lugares?

VI) Atualidade II

Atualmente, qual a sua relação com o corpo? Está satisfeita com sua aparência e sua saúde? Você faz alguma coisa para cuidar de si? Se pudesse mudar algo em seu corpo, o que seria?

Como é sua vida sexual hoje? Você acha que sua experiência sexual está dentro do padrão da sua geração, ou seja, que ela é mais ou menos comum às outras pessoas da sua idade?

Quais são as diferenças que você percebe entre as três gerações femininas da sua família?

A fase atual da sua vida corresponde as suas expectativas anteriores?

Você tem algum projeto para a sua vida hoje?

O que é família para você?

Dia:

Horário:

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Angela Mendes de. *Notas sobre a família no Brasil*. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; CARNEIRO, Maria José e PAULA, Silvana Gonçalves de. (org.). *Pensando a Família no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1987
- BARDIN, Laurence. *Definição e relação com as outras ciências*. In *Análise de Conteúdo*. Capítulo II . Edições 70, Lisboa, 1977, p. 27-46.
- BILAC, Elisabete Dória. *Família: algumas inquietações*. In: Família Contemporânea em debate. 4º edição. São Paulo: Editora Cortez, 2002. P. 29 – 72.
- BILAC, Elisabete Dória. *Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares*. In Famílias em processos contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira. Coleção Seminários Especiais Centro João XXII nº 10. Edições Loyola, São Paulo, 1995.
- BLANCHET, Alain e GOTMAN, Anne (1992). *A enquête e seus métodos: a entrevista*. Paris: Éditions Nathan, 1992.
- BONI, V. , QUARESMA, Sílvia Jurema Leone. Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências sociais. Revista Eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC, Florianópolis – SC, V.2, p. 68-80, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.
- BRIOSCHI, Lucila Reis; TRIGO, Maria Helena Bueno. *Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas*. In Ciência e Cultura nº 38. São Paulo, SP, 1987.
- CICCHELLI, Vincenzo. *Individualismo e formas de apoio: entre lógica incondicional e personalização da parceria intergeracional*. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers; DE SINGLY, François e Cicchelli, Vincenzo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas editora, 2000.

- DE SINGLY, François. *O nascimento do 'indivíduo individualizado' e seus efeitos na vida conjugal e familiar*. In: PEIXOTO, Clarice E., SINGLY, François de e CICCHELLI, Vincenzo (org). *Família e individualização*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.
- FONSECA, Cláudia. *Amor e Família: vacas sagradas de nossa época*. RIBEIRO, Ana Clara Torres e RIBEIRO, Ivete. (org.). *Família em Processos Contemporâneos*. São Paulo, Edições Loyola, 1995.
- FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso não é um caso. Pesquisa etnográfica e educação*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, nº 10, p. 58-78, 1999. Trabalho apresentado na XXI reunião anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998.
- GOTMAN, A . , BLANCHET, A . (1992). *A enquete e seus métodos: a entrevista*. Paris, Éditions Nathan.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro, UFRJ, Museu Nacional, 1992. Cap. III. P. 79 – 1006
- HEILBORN, Maria Luiza. *O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas*. In *Famílias em processos contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira*. Coleção Seminários Especiais Centro João XXII nº 10. Edições Loyola, São Paulo, 1995.
- KOSMINSKY, Ethel. *Pesquisas qualitativas – utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia*. In: *Ciência e Cultura*. Nº 38, 1986
- LEITE PEREIRA, Ligia Maria. *Relatos Orais em Ciências Sociais: Limites e Potenciais*. In: *Revista Análise e Conjuntura*, Belo Horizonte, v.6, no. 3 set./nov. 1991.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Pesquisando Fotografias e Lembranças: os guardiões da memória*. In: GOLDMAN Sara N. e

PAZ, Serafim F. (org.). *Cabelos de Néon*. Editora Talento Brasileiro, 2001.

- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Juventude universitária e as profissões femininas: um estudo de caso dos estudantes de Serviço Social*. Texto apresentado na XXIII Reunião Brasileira de Antropologia. *Fórum de Pesquisa: Família, gênero e ciclo de vida*. Gramado, 2002.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Do “mundinho” fechado ao universo quase infinito: negociando a saída de casa*. *Caderno CRH*, volume 17, número 42. Salvador, setembro/dezembro de 2004. P. 365 – 373.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Sobre gerações, famílias e políticas sociais*. Introdução. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.) *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, no prelo.
- LINS DE BARROS, Myriam Lins de Barros. *Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas*. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.) *Família e Geração*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 17-34.
- MANHEIM, Karl. *Sociologia*. São Paulo. Ática, 1982.
- RAMOS, Elsa. *“As negociações no espaço doméstico: construir a ‘boa distância’ entre os pais e os jovens adultos ‘coabitantes’”*. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (org). *Família e Geração*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2006.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *De cinderela a mulher-maravilha: a maternidade em tempos de mudança*. In: Série Documenta nº 9, Ano VI. Programa de mestrado e doutorado em psicossociologia de comunidades e ecologia social. EICOS/ Cátedra UNESCO de desenvolvimento durável/ UFRJ. 1998.
- SINGLY, François de. *“O nascimento do ‘indivíduo individualizado’ e seus efeitos na vida conjugal e familiar”*. In: PEIXOTO, Clarice E., SINGLY, François de e CICCHELLI, Vincenzo (org). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

- SINGLY, François de. *A sociologia da família na França, nos últimos trinta anos*. In: Revista Interseções, número 2, ano 3. Rio de Janeiro: UERJ, Julho/ dezembro de 2001.
- VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais*. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, cap. III e IV.
- VELHO, Gilberto. *Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo de camadas médias*. In Dossiê comportamentos familiares. Revista Interseções, 2001, ano 3, nº 2.
- VELHO, Gilberto. *Os conceitos de relevância e motivação e a noção de subcultura*. In individualismo e cultura, capítulo V. Editora Zahar, Rio de Janeiro, RJ, 1981.
- VELHO, Gilberto. *Família e Subjetividade*. In *Pensando a família no Brasil, da colônia a modernidade*. Co-edição Espaço e Tempo. Editora da UFRJ. Rio de Janeiro, 1987.
- VITALLE, Maria Amália F. *Socialização e família: uma análise intergeracional*. In: Família Contemporânea em debate. 4º edição. São Paulo: Editora Cortez, 2002. P. 89 – 95.

Internet

- Disponível em: <http://www.frigoletto.com.br/GeoPop/mulher.htm>
-